



*Your complimentary  
use period has ended.  
Thank you for using  
PDF Complete.*

[Click Here to upgrade to  
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA

PRISCILA RUFINO DA SILVA

**A HIPERCORREÇÃO NA FALA DE ADULTOS DESEMPREGADOS DA CIDADE  
DE MACEIÓ/AL**

Maceió/AL  
2011



*Your complimentary  
use period has ended.  
Thank you for using  
PDF Complete.*

[Click Here to upgrade to  
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

CILA RUFINO DA SILVA

## **A HIPERCORREÇÃO NA FALA DE ADULTOS DESEMPREGADOS DA CIDADE DE MACEIÓ/AL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em linguística.

Orientador: Prof. Dr. Aldir Santos de Paula.

Maceió/AL  
2011

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**  
**Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale**

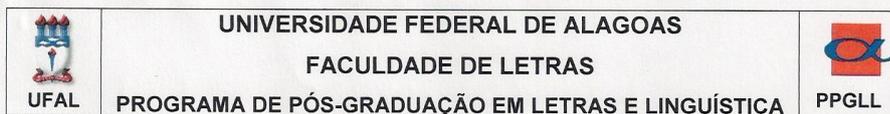
S586hj Silva, Priscila Rufino da.  
A hipercorreção na fala de adultos desempregados da cidade de Maceió / Priscila Rufino da Silva. – 2011.  
101 f.

Orientador: Aldir Santos de Paula.  
Dissertação (mestrado em Letras e Linguística: Linguística) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Maceió, 2011.

Bibliografia: f. 96-98.  
Anexos: 99-101.

1. Linguística. 2. Sociolinguística. 3. Preconceito Linguístico. 4. Comportamento lingüístico. 5. Língua portuguesa – Hipercorreção. I. Título

CDU: 801:316



## TERMO DE APROVAÇÃO

PRISCILA RUFINO DA SILVA

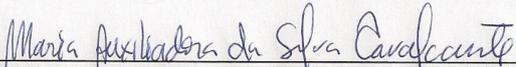
Título do trabalho: "A HIPERCORREÇÃO NA FALA DE ADULTOS  
DESEMPREGADOS DA CIDADE DE MACEÍÓ/AL"

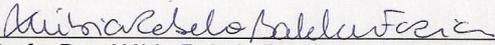
Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de  
MESTRE em LINGUÍSTICA, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e  
Linguística da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca  
examinadora:

Orientador:

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Aldir Santos de Paula (PPGLL/UFAL)

Examinadores:

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Maria Auxiliadora da Silva Cavalcante (CEDU/UFAL)

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Núbia Rabelo Bakker Faria (PPGLL/UFAL)

Maceió, 06 de julho de 2011.



*Your complimentary  
use period has ended.  
Thank you for using  
PDF Complete.*

[Click Here to upgrade to  
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

Esta pesquisa foi financiada por uma bolsa *Capes*.



Your complimentary  
use period has ended.  
Thank you for using  
PDF Complete.

[Click Here to upgrade to  
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

*Aos meus pais, Rilmar Rufino e Gildivânia Santos, dedico este trabalho por todos os ensinamentos e lições de vida que foram passados para mim, além do amor, dedicação, paz, carinho, enfim o essencial para alguém crescer feliz.*



**PDF**  
Complete

Your complimentary  
use period has ended.  
Thank you for using  
PDF Complete.

[Click Here to upgrade to  
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

## ECIMENTOS ESSENCIAIS

*Primeiramente a DEUS, que me deu o dom da vida, tudo que eu tenho, em especial, a minha saúde, minha motivação para vencer todo e qualquer obstáculo e, principalmente, o amor incondicional!*

*Aos meus familiares, em especial:*

*Aos meus pais, Rilmar e Gildivânia, por toda força e motivação em todos os momentos da minha vida;*

*Aos meus irmãos, Robertson Rufino e Gleicivânia Rufino, por todo carinho e atenção que só um irmão pode nos dar;*

*Ao meu companheiro, José Civaldo Jr., por todo amor, motivação, atenção, incentivo, paciência e carinho;*

*Aos meus sogros, José Civaldo e Alissângela Leandro, pelas palavras de incentivo e por toda torcida;*

*Aos meus avós, José Rufino, Maria da Silva, Maria Nazaré, por serem disseminadores de tanto carinho e dedicação e por me darem tantas lições de superação e amor.*



*Your complimentary  
use period has ended.  
Thank you for using  
PDF Complete.*

[Click Here to upgrade to  
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

*Ao meu orientador, Prof. Aldir Santos de Paula, por ter acreditado em mim, mesmo quando nem eu acreditava, por todas as palavras de incentivo, pela prontidão em me ajudar e fazer desse meu sonho realidade.*

## GRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística ó PPGLL, da Universidade Federal de Alagoas- Ufal, pela oportunidade de desenvolver esta pesquisa.

A Capes pelo apoio financeiro.

Ao diretor-geral do Sistema Nacional de Emprego - Sine, Flaviano Calaça, pela disponibilidade em aceitar minha presença na referida instituição.

A Carlos Eduardo Epifânio, da Secretária de comunicação do estado de Alagoas- Secom, por ter lido meu projeto e dado autorização desta instituição para a realização deste trabalho no Sine.

À secretaria Nadja Baía, pela atenção e comprometimento em fazer da minha estadia no Sine a mais proveitosa possível.

À Profa. Denilda Moura, por todas as contribuições valiosas que me fizeram crescer pessoal e profissionalmente.

À Profa. Núbia Rabelo Bakker, por sua leitura criteriosa, por todas as observações pertinentes que me ajudaram a desenvolver minha dissertação.

À Profa. Maria Auxiliadora da Silva Cavalcante, por aceitar ler esse trabalho trazendo à tona novas discussões e caminhos.

As minhas grandes amigas, Cibely Eugênia, Renata Livia e Solyany Salgado, por todas as palavras de incentivo desde o início dessa caminhada e pela torcida constante!

A minha amiga, Elaine Santos, por aceitar fazer as traduções em espanhol desta dissertação. Muito obrigada!



**PDF**  
Complete

*Your complimentary  
use period has ended.  
Thank you for using  
PDF Complete.*

[Click Here to upgrade to  
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

Corro Aguiar, Jair Farias, Telma Magalhães, Aldir Santos de Paula, Denilda Moura, pelas discussões e contribuições nesses dois anos de mestrado.

Aos meus queridos, Marcelo Sibaldo, Manu Albuquerque, Fernando Augusto, Janaína Ligia, Elyne Gisele, Selma Bezerra, Aparecida Porangaba, Luiza Albuquerque Gondim, Sandra Patrícia, Fabrisa Leite, por fazerem parte dessa etapa da minha vida e torcerem por mim.

A todas as pessoas que torceram por mim, que me incentivaram com críticas positivas ou negativas, fazendo com que eu reavaliasse minhas práticas e crescesse pessoal e profissionalmente. Muito obrigada!



*Your complimentary  
use period has ended.  
Thank you for using  
PDF Complete.*

[Click Here to upgrade to  
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

Em toda comunidade, existem falantes que têm mais consciência do que outros das formas prestigiosas de falar e cujo comportamento é mais influenciado pelos padrões externos de excelência. Eles exibirão uma alternância estilística maior do que aqueles que não reconhecem tais padrões.

Labov (2008[1972], p. 251)



Your complimentary  
use period has ended.  
Thank you for using  
PDF Complete.

[Click Here to upgrade to  
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

## RESUMO

Neste trabalho, fizemos uma discussão sobre os casos de hipercorreção presentes na fala de adultos desempregados da cidade de Maceió. Com este intuito, nos baseamos nos pressupostos teóricos da Teoria da Variação (LABOV, 2008 [1972]). Tivemos como objetivo principal demonstrar que os casos de hipercorreção presentes na fala desses informantes são motivados por fatores linguísticos e extralinguísticos, tais como: o sexo e a idade. O *corpus* utilizado foi coletado por meio entrevistas com 24 falantes adultos de ambos os sexos pertencentes a dois grupos de idade: o primeiro envolvendo pessoas de 17 a 30 anos; o segundo, informantes de 31 a 55 anos, no Sine - Sistema Nacional de Emprego, do estado de Alagoas. Como resultado desse estudo, obtivemos que as hipercorreções podem ocorrer no campo da fonética, morfologia, semântica e sintaxe, podendo ser influenciadas pelos seguintes fatores extralinguísticos: idade, sexo e contexto situacional.

**Palavras-chave:** Comportamento linguístico. Hipercorreção. Preconceito linguístico.

Sociolinguística variacionista.



Your complimentary  
use period has ended.  
Thank you for using  
PDF Complete.

[Click Here to upgrade to  
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

## ABSTRACT

Through this study, we discussed cases of hypercorrection present in the speech of unemployed adults in the city of Maceió. With this purpose in mind, we based our focus on the theoretical premises of the Variationist Sociolinguistic Theory. (LABOV, 2008 [1972]). Our main goal was to demonstrate that the occasions of hypercorrection in the speech of these informants are motivated by linguistic and extra-linguistic factors, being, the last referred, relative to sex and age. The *corpus* was collected by means of interviews with 24 (twenty four) adult speakers of both sexes, belonging to two groups of age: the first group, involving people of ages 17 through 30; the second, informants of ages 31 through 55, in the Sine - Sistema Nacional de Emprego, of the state of Alagoas. As a result of this study, we have concluded that the hypercorrections may occur on the fields of phonetics, morphology, semantics and syntax, being susceptible to influence from the following extra-linguistic factors: age, sex and situational context.

**Keywords:** Linguistic Behavior. Hypercorrection. Linguistic Prejudice. Variation.

## ISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1-</b> Total de informantes divididos por idade e sexo.....	62
<b>Tabela 2-</b> Total de ocorrências de hipercorreção de acordo com a natureza do dado.....	80
<b>Tabela 3-</b> Total de ocorrências de hipercorreção na fala de adultos desempregados da cidade de Maceió.....	81
<b>Tabela 4-</b> Resultado da presença de hipercorreção tomando por base o sexo dos informantes.....	82
<b>Tabela 5-</b> Resultado da aplicação tomando por base a sua distribuição em duas faixas etárias.....	85
<b>Tabela 6-</b> Resultado da aplicação para a faixa etária I (17 a 30 anos).....	86
<b>Tabela 7-</b> Resultado da aplicação para a faixa etária II (31 a 55 anos).....	87

## ÍNDICE DE GRÁFICOS

<b>Gráfico1-</b> Total de ocorrências de hipercorreção na fala de adultos desempregados da cidade de Maceió.....	81
<b>Gráfico2-</b> Resultado da aplicação dos casos de hipercorreção tomando por base o sexo dos informantes.....	83
<b>Gráfico 3-</b> Resultado da aplicação tomando por base a distribuição em duas faixas etárias.....	85
<b>Gráfico 4-</b> Resultado da aplicação dos casos de hipercorreção tomando por base o sexo e a faixa etária I.....	87
<b>Gráfico 5-</b> Resultado da aplicação dos casos de hipercorreção tomando por base o sexo e a faixa etária II.....	88



**PDF**  
Complete

*Your complimentary  
use period has ended.  
Thank you for using  
PDF Complete.*

[Click Here to upgrade to  
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

## ISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1-</b> Convenções para transcrição ortográfica.....	63
---------------------------------------------------------------	----

<b>INTRODUÇÃO</b>	17
<b>1 REFERENCIAL TEÓRICO</b>	20
1.1 A SOCIOLINGUÍSTICA	20
<b>1.1.1 A Teoria da Variação Linguística</b>	23
1.1.1.1 Preconceito, comportamento e insegurança linguística	27
1.1.1.2 O papel da formalidade, do prestígio, do sexo e da idade no uso da hipercorreção	31
<b>1.1.2 A hipercorreção: estudos anteriores</b>	37
1.1.2.1 A hipercorreção dos ditongos (ay) e (aw) em Martha's Vineyard	38
1.1.2.2 A hipercorreção no uso do (r) em Nova York	40
1.1.2.3 Algumas considerações acerca da hipercorreção	43
<b>2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b>	46
2.1 APORTE METODOLÓGICO DA TEORIA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA	46
<b>2.1.1 Hipóteses e objetivos da pesquisa</b>	51
<b>2.1.2 Constituição do corpus</b>	52
2.1.2.1 O local	52
<b>2.1.2.1.1 Sine - Sistema Nacional de Emprego</b>	52
<b>2.1.2.1.2 Central de autônomos</b>	52
2.1.2.2 Os colaboradores: perfil social	55

	57
2.1.2.4 O <i>corpus</i>	62
2.1.2.5 Transcrição e quantificação	63
<b>3 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS</b>	65
3.1 HIPERCORREÇÕES FONÉTICAS	67
<b>3.1.1 Reduções/ Truncamentos</b>	67
<b>3.1.2 Modificações</b>	69
3.2 HIPERCORREÇÕES MORFOLÓGICAS	71
3.3 HIPERCORREÇÕES SEMÂNTICAS	74
3.4 HIPERCORREÇÕES SINTÁTICAS	76
3.5 A HIPERCORREÇÃO E OS FATORES EXTRALINGUÍSTICOS: SEXO, IDADE E O AMBIENTE DE ENTREVISTA	80
<b>3.5.1 A hipercorreção e o sexo</b>	82
<b>3.5.2 A hipercorreção e a idade</b>	84
<b>3.5.3 A hipercorreção: sexo e idade</b>	86
<b>3.5.4 A hipercorreção e o ambiente de entrevista</b>	88
<b>CONCLUSÃO</b>	91
<b>REFERÊNCIAS</b>	96
<b>ANEXOS</b>	99
ANEXO A- Termo de autorização para coleta no Sine Jaraguá	99
ANEXO B- Ficha social	100
ANEXO C- Entrevista	101

## INTRODUÇÃO

Ao analisarmos aspectos relacionados às línguas, várias acepções emergem tratando-as como um sistema mental de natureza computacional ou até mesmo como um sistema heterogêneo e essencialmente social, veículo de comunicação, de informação e de expressão entre indivíduos da espécie humana.

Ao adotarmos a concepção de que a língua é heterogênea, social e passível de mudança, estamos afirmando subjacentemente que essas características, de certo modo, perpassam todos os falantes/ouvintes de uma língua, que a utilizam com vários intuitos. Esses falantes, por estarem inseridos em uma sociedade diversificada, com vivências e/ou oportunidades diferenciadas, podem apresentar variações em sua fala no âmbito da gramática, da pronúncia e/ou do léxico.

As variações que, por ventura, atingem cada falante e, por consequência, a comunidade de fala em que está inserido são mais visíveis quando este sai de sua comunidade e passa a interagir ou integrar outros ambientes linguísticos, o que pode desencadear mudanças tanto em sua postura, como em sua variedade linguística, esta pode sofrer alterações para se adequar ao nível utilizado por outrem, passando de um uso formal para um informal e vice-versa. Esse fenômeno parece atingir principalmente falantes com pouca ou nenhuma escolaridade e os mais escolarizados que estão em processo de ascensão social (LABOV, 2008 [1972]).

Dentre outros tantos fenômenos, o da hipercorreção pode ocorrer, visto que esses falantes, ao tentarem se adequar ao novo ambiente linguístico, podem buscar com maior frequência a correção de suas falas, acarretada, portanto, pela extensão de alguma regra ou princípio, com base em uma não compreensão de seu domínio de aplicação, a uma gama de fenômenos aos quais originalmente não se aplicam (LYONS, 1987, p.57).

lo quando o adulto, ao entrar no mercado de trabalho e, por consequência, ao frequentar outros ambientes e outra comunidade linguística, busca corrigir sua fala espelhada na fala de outro, o que ocasiona uma generalização em determinados usos considerados da variedade padrão.

Haja vista que os membros dessas comunidades têm, muitas vezes, o seu contato restrito a outras comunidades linguísticas devido ao preconceito sofrido por eles com relação a sua fala, podendo ser notado um compartilhamento de traços linguísticos peculiares que afloram, principalmente, quando eles têm que sair do seu ambiente cotidiano e começam a conviver com pessoas diferentes e ter experiências diferentes.

Assim como os desempregados que, ao precisarem demonstrar desenvoltura e capacidade nas entrevistas de emprego, modificam sua variedade linguística para se adequar ao padrão exigido para esses momentos.

Podemos observar que há poucos trabalhos analisando a variedade linguística utilizada por pessoas que buscam na adequação de sua fala ao contexto mais formal serem aceitas no meio em que estão sendo inseridas. Em virtude disso, o presente trabalho, que segue os parâmetros teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008[1972]), visa estudar a hipercorreção na fala de adultos da cidade de Maceió, a exemplo de:

(1) L3- Eu ó é ó assim eu **premero** ia estudá bastante e sê otra coisa melhô ia trabalha de vendedora né de de de casa de família mais o ia sê professora médica alguma coisa assim. [L3F2]

(2) L8- Tenho **previlégio** daquela pessoa me espelho por ela por isso que eu queria tê pra não depende de ninguém só isso. [L8M1]

A abordagem do fenômeno linguístico priorizou a realidade sociolinguística, enfocando a questão da formalidade e o que esta poderia acarretar na fala dos informantes.

posto do Sistema Nacional de Emprego ó Sine, localizado no bairro de Jaraguá - Maceió/AL, com 24 informantes, durante um período de dois meses.

Nosso trabalho é composto de três capítulos, a saber:

No primeiro capítulo, apresentamos o aparato teórico-metodológico que norteia nossa pesquisa, abordamos também a questão da influência do preconceito linguístico que muitos falantes sofrem e como o seu comportamento mediante essas situações de insegurança linguística podem desencadear a hipercorreção em suas falas. Versamos também acerca da formalidade e sua influência no momento de interação verbal, bem como a questão do sexo e idade como fatores importantes para o entendimento dos fenômenos linguísticos. Para entendermos melhor os fenômenos da hipercorreção, descrevemos o estudo de Labov (2008 [1972]), pioneiro no tratamento dessa temática, assim como algumas considerações feitas por alguns teóricos, visto que, pela ausência de trabalhos que tratassem do mesmo tema em nossa área de estudo, tivemos que recorrer ao que havia disponível.

No segundo capítulo, descrevemos como nosso estudo acerca da hipercorreção presente na fala de adultos desempregados foi desenvolvido, as hipóteses e objetivos que nortearam nossa pesquisa, bem como a metodologia utilizada.

Por fim, no capítulo 3, descrevemos, primeiramente, os dados encontrados classificando-os em: hipercorreção fonética, hipercorreção semântica, hipercorreção morfológica e hipercorreção sintática. Após discutirmos os casos encontrados de acordo com a classificação mencionada anteriormente, fizemos um panorama dos fatores extralinguísticos proposto para análise: idade e sexo, e a sua relevância para a produção desse fenômeno na fala dos nossos informantes. Discutimos, de forma breve, sobre a influência do contexto em que as entrevistas foram realizadas e seu papel nas ocorrências de hipercorreção.



Neste capítulo, apresentamos o aparato teórico que norteia a presente pesquisa, cuja base é a Sociolinguística variacionista (WEINRICH, LABOV & HERZOG, 2006 [1968] e LABOV, 2008 [1972]), enfatizamos os pressupostos básicos dessa disciplina, bem como algumas reflexões a respeito do preconceito, da atitude e da insegurança linguística.

Apresentamos, também, alguns estudos acerca da hipercorreção realizados em outros países, buscando evidenciar o comportamento variável desse fenômeno, bem como sua multiplicidade de ocorrências, com o intuito de elencar subsídios para analisá-lo, também, na fala de adultos da cidade de Maceió/AL.

## 1.1 A SOCIOLINGUÍSTICA

Antes do advento da sociolinguística, os estudos linguísticos objetivavam demonstrar que os aspectos linguísticos deveriam ser estudados somente dentro de um sistema fechado e a partir da sua relação com os outros elementos desse mesmo sistema, ficando, portanto, em segundo plano o externo à língua, essa postura era impulsionada pela necessidade de demonstrar o caráter científico e autônomo da linguística.

Na tentativa de lançar novos caminhos para os estudos linguísticos, no ano de 1964, um congresso foi organizado por William Bright, na Universidade da Califórnia, com a participação de vários estudiosos, tais como William Labov, Dell Hymes e John Gumperz, dando surgimento, a partir de então, ao termo sociolinguística, que, a priori, designava as perspectivas conjuntas mantidas entre linguistas e sociólogos em referência as questões sobre

na sociedade e, especialmente, sobre o contexto social da diversidade linguística.

A questão da definição do termo sociolinguística foi incisiva, não só por méritos estritamente conceituais, mas também com relação ao seu status como um campo de estudo. Como afirma Campoy e Almeida (2005, p.1) <sup>1</sup>,

Así, unos, más reticentes, la consideran como una tentativa interdisciplinar, otros como una parte de la Lingüística General, y otros, más radicales, como el núcleo central de toda la lingüística argumentando que toda la sociolingüística es lingüística y toda la lingüística es sociolingüística.<sup>2</sup>

Labov (2008 [1972]) afirma, também, que resistiu ao termo sociolinguística já que isso implicaria assumir a existência de alguma teoria de prática linguística bem-sucedida que não seria, portanto, social.

No entanto, segundo Bright (1966, p.17), essa conceituação e, também, delimitação, não se deu de forma pacífica, visto que

da mesma forma que seus co-irmãos mais antigos, etnolingüística e psicolingüística não é fácil [definir o termo sociolinguística] com precisão; na verdade, estes três termos tendem a se interseccionar parcialmente quanto a seu objeto e, até certo ponto, a refletir diferenças nos interesses e abordagens dos pesquisadores mais do que no objeto de estudo propriamente dito.

Todavia, Malmkjær (2002, p. 482) afirma que,

The most appropriated definition of modern sociolinguistic is a dual one: the study of language in its social contexts and the study of social life through linguistics. This reflects the vast array of topics and methods open to analysis in this wide and interdisciplinary field.<sup>3</sup>

A partir desse congresso, os linguistas Weinrich, Labov e Herzog (2006 [1968]) conjuntamente com William Bright (1966) romperam os axiomas da homogeneidade e

---

<sup>1</sup> Todas as traduções serão de nossa responsabilidade, para evitarmos repetição apenas marcaremos as traduções que não foram de nossa autoria.

<sup>2</sup> “Assim, uns, mais reticentes, consideram-na como uma tentativa interdisciplinar, outros como uma parte da Linguística Geral, e outros, mais radicais, como o núcleo central de toda a Linguística argumentando que toda a sociolinguística é lingüística e toda a lingüística é sociolingüística.”

<sup>3</sup> “A definição mais apropriada da sociolinguística moderna é de um sistema duplo: o estudo da língua em seu contexto social e o estudo da vida social através do linguístico. Isso reflete a gama de tópicos e métodos amplos para analisar neste campo vasto e interdisciplinar.”

úidos e propuseram o axioma da heterogeneidade e seu caráter sistematizável como foco dos estudos linguísticos, transformando em ponto primordial dos estudos sociolinguísticos, tanto a estrutura interna de todo fenômeno que se apresentava em variação, o estudo da mudança em progresso, bem como a avaliação social das variantes linguísticas.

A sociolinguística criada com o intuito de descrever a língua de uma comunidade e o seu papel social opõe-se ao

*Paradoxo saussuriano* no qual caem aqueles que definem a língua como social e, entretanto só estabelecem a sua descrição a partir de alguns sujeitos ou de si próprios. Para ele [Labov], trata-se pelo contrário de apreender o conjunto de variações da comunidade para tentar determinar-lhe a estruturação. (MARCELESI & GARDIN, 1975, p.135)

A sociolinguística é fundamentada no princípio de que a heterogeneidade constitutiva da língua pode ser demonstrada por meio de evidências empíricas que comprovam que o aparente caos da fala pode ser analisado e é estruturado, diferindo intrinsecamente das perspectivas anteriores que afirmavam haver na fala marcas caóticas e assistemáticas.

Através de pesquisas de campo, a sociolinguística registra, descreve e analisa, de forma sistemática, diferentes falares fazendo assim da variação linguística o seu objeto de estudo e, tendo como tarefa principal, descobrir quais as leis ou normas sociais que determinam o comportamento linguístico em certas comunidades de fala.

Segundo Dorian (*apud* Monteiro, 2000, p.58), o advento da sociolinguística trouxe à tona

A idéia de que a heterogeneidade linguística reflete a variabilidade social e as diferenças no uso das variantes linguísticas correspondem às diversidades dos grupos sociais e à sensibilidade que eles mantêm em termos de uma ou mais normas de prestígio.

As pesquisas linguísticas, que seguem os postulados da sociolinguística, subdividem-se em três campos de atuação provenientes dos diferentes enfoques que são dados à

e social, a saber: a *Sociologia da linguagem* (FISHMAN, 1974), que tenta evidenciar, através dos dados linguísticos, fatos não linguísticos que interessam às ciências humanas e faz da linguística social um setor particular da linguística lidando, portanto, com fatores sociais de larga escala e sua interação mútua com línguas e com dialetos; a *Etnografia da fala* ou *Etnolinguística* (HYMES, 1964), disciplina fundada pelas pesquisas da escola americana a partir das hipóteses de Sapir-Whorf, reúne reflexões da filosofia da linguagem sobre as relações língua/etnia (povo ou nação) (MARCELESI & GARDIN, 1975, p.17); e a *Sociolinguística variacionista* ou *Teoria da variação*, desenvolvida por William Labov (2008[1972]), que tem como enfoque principal uma abordagem da pesquisa linguística que se concentra na língua em uso dentro da comunidade de fala, com o intuito de construir uma teoria linguística adequada para dar conta de dados empíricos de fala.

Outro fator que evidencia a divisão interna existente nesse campo de estudo pode ser percebido pela existência de diferentes revistas de publicação referentes a cada campo de atuação: em Sociologia da linguagem, temos a revista *International Journal of Sociology of Language*; em Etnografia da comunicação, temos a revista *Language in Society*; e, por fim, em Sociolinguística variacionista, a revista *Language Variation and Change*; respectivamente editadas por Joshua A. Fishman, Barbara Johnstone, William Labov e Rena Torres Cacoullos.

### 1.1.1 A Teoria da variação linguística

Devido às divergências internas decorrentes da ênfase dada ao caráter social e/ou linguístico nos trabalhos em sociolinguística, várias divisões foram se consolidando dentre elas a sociolinguística variacionista ou teoria da variação cujo tratamento dos fenômenos linguísticos se dá por meio da análise dos efeitos dos fatores intra e extralinguísticos sobre as

a tal: testes estatísticos e análise quantitativa e qualitativa

dos dados linguísticos de fala ou escrita.

La sociolingüística laboviana, sociolingüística cuantitativa, o linguística secular, según Trudgill (1978b: 11), es precisamente la sociolingüística, cuyo objetivo principal ha sido constatar la variabilidad en cuanto capacidad de variación cuantificable, esto es, [...], localizar y describir la simetría existente entre variación social y variación lingüística en términos de variación sociolingüística.<sup>4</sup>(CAMPOY & ALMEIDA, 2005, p.37)

Segundo a sociolingüística variacionista, a ocorrência de fenômenos em variação se dá pela constatação da existência de duas formas alternativas que se encontram em uso na língua, a essas formas dá-se o nome de *variantes linguísticas*.

A partir dessa constatação é possível identificar uma série de fatores que influem no uso de uma ou outra variante linguística. Esses fatores são denominados *variáveis*, podendo ser internas ou externas à língua.

As *variáveis de natureza estrutural ou intralingüísticas*, concebidas de acordo com a *variável dependente*<sup>5</sup> a ser estudada, são aquelas relacionadas aos subsistemas da língua, essas variáveis são normalmente caracterizadas pela presença de elementos intervenientes que podem motivar ou não a aplicação da regra variável, pela distância entre os sintagmas, pelo tempo verbal e/ ou animacidade do sintagma.

As *variáveis de natureza social ou extralingüísticas*, tais como idade, sexo, nível de escolaridade, formalidade, profissão, classe social, podem influenciar a maior ocorrência ou rejeição dos usos contendo variação.

Por meio do estudo dessas variáveis é que se pode caracterizar se o fenômeno em variação tem alguma significação social, visto que se ficar configurado que o uso de uma variante em detrimento de outra é feito somente por uma dessas células sociais, o pesquisador

---

<sup>4</sup> A sociolingüística laboviana, sociolingüística quantitativa, ou linguística secular, segundo Trudgill (1978b: 11), é precisamente a sociolingüística, cujo objetivo principal foi constatar a variabilidade como capacidade de variação quantificável, isto é, [...], localizar e descrever a simetria existente entre variação social e variação lingüística em termos de variação sociolingüística.

<sup>5</sup> Variável dependente se refere ao fenômeno em questão, por exemplo: o uso da concordância verbal.

que está ocorrendo é uma variação ou mudança em progresso, principalmente se a variável em evidência for a idade dos informantes.

É com base na atuação das *variáveis intralinguísticas e extralinguísticas* que a teoria da variação busca analisar a diversidade linguística de forma sistemática, refutando, por conseguinte, a ideia de que a fala não poderia ser sistematizada do mesmo modo que a língua.

Para que os estudos em sociolinguística variacionista pudessem ser feitos de forma coerente, alguns conceitos já difundidos por outras vertentes da linguística precisavam, de certa forma, ser repensados, um deles é o conceito de língua como fato social que, apesar de ser consenso geral entre os linguistas, sofre diferenciação de acordo com o ponto de vista teórico.

Segundo Labov (2008 [1972], p.305),

Os lingüistas parecem, a esse respeito, formar dois grupos principais. O grupo A, o grupo ãsocialö, presta maior atenção aos fatores sociais para explicar a mudança; vê as funções expressivas e diretivas da língua como intimamente entrecruzadas com a comunicação de informação referencial; estuda a mudança em progresso e vê mudanças em andamento refletidas nos mapas dialetais; e enfatiza a importância da diversidade lingüística, das línguas em contato e do modelo de ondas para a evolução lingüística.

E os pertencentes ao grupo B, o grupo ãassocialö, se concentram em fatores puramente internos, ou seja, estruturais e psicológicos. Labov (2008 [1972], p. 306), contudo, afirma que

Seria injusto alegar que os lingüistas do grupo B desconsideram por completo os fatores sociais [...]. Na verdade, eles definem a influência da sociedade como alheia à operação normal da língua e consideram a operação dos fatores sociais como interferência disfuncional no desenvolvimento normal (Bloomfield, 1933) ou como intervenção rara e assistemática.

Seguindo essas proposições, fica evidente que a posição de Labov se adéqua mais no grupo A, devido a sua concepção de língua como inerentemente heterogênea passível de descrição e análise, visto que o estudo da língua feito por ele leva em consideração não só sua

relação dessa estrutura com a sociedade e o que influencia

a existência de variação.

Concentrando, dessa forma, seu foco nos usos linguísticos que contém variação e atribuindo a ela um valor de princípio geral, Labov adota ãum modelo mais adequado de uma língua diferenciada aplicado à comunidade de fala em seu todo, modelo que inclui elementos variáveis dentro do próprio sistemaö (WEINRICH, LABOV & HERZOG, 2006 [1968], p.104).

Assim como a noção de língua, a noção de comunidade de fala se torna ponto fundamental nos estudos em Teoria da Variação, visto que segundo Wardhaugh (2002 *apud* Wiedemer, 2008, p.30), ãa noção de comunidade de fala não pode ser um conceito fechado, [...] sua definição não é menos problemática do que os conceitos de língua, dialeto, grupo e variedadeö, cabendo, portanto, ao pesquisador tomar cuidado para não utilizar um conceito que seja discordante da realidade do seu trabalho.

A comunidade de fala, seguindo os moldes de Labov, é determinada de acordo com dois aspectos: os aspectos conscientes e os inconscientes ao falante.

No que se refere à contraparte consciente, os falantes que estão em uma mesma comunidade de fala compartilham atitudes e valores semelhantes em relação aos aspectos linguísticos, visto que no momento da interação verbal, eles podem mudar de comportamento e tomar atitudes que demonstrem sua consciência acerca da formalidade ou casualidade daquele evento, o que os levaria a mudar, também, o seu modo de falar.

A parte inconsciente faz referência às regras gramaticais da língua que os falantes adquirem e que não podem ser escolhidas ou descartadas por sua vontade.

Desses dois aspectos, contudo, para definir uma comunidade de fala, a contraparte consciente se mostraria, na visão de Labov, como mais importante.

Segundo Severo (2008, p.15),

ptado prioritariamente pela propriedade de compartilhamento das definir comunidade de fala devido ao grau de homogeneidade que seria conferido ao lócus da língua, essa sim vista como um sistema heterogêneo. Assim, a língua, um sistema heterogêneo, seria estudada como a fala da comunidade e não do indivíduo.

Ao assumir, portanto, a fala da comunidade como objeto de seus estudos, Labov frisa o caráter heterogêneo desse objeto, assumindo assim que a variação podia ocorrer com os falantes de todas as comunidades linguísticas, uns em maior escala que os outros, não precisando necessariamente ter passado pela educação formal (FASOLD, 1987, p. 182).

#### 1.1.1.1 Preconceito, comportamento e insegurança linguística

Em nossa sociedade, notamos que a concepção de língua arraigada no senso comum é mais próxima da tradicional, ou seja, a língua é vista como uma, como uma lei que todos os falantes devem seguir cabendo àqueles que não o fazem carregarem o estigma de ignorante e de falante inculto.

Juntamente com essa concepção, vemos a idealização da escola como o único espaço capaz de difundir o uso da variedade "correta". Contudo, a ideia de que a escolarização levaria os falantes a só utilizar a norma padrão demonstra que a autonomia desse falante em se apropriar dessa variedade fica vinculada somente a um ambiente de saber, no entanto, não só a ida a uma instituição de ensino faz os falantes utilizarem a norma padrão.

Outros fatores influenciam muito mais e fazem com que aquele falante, que não frequenta a escola, consiga se dar conta da existência de um padrão exterior que, muitas vezes, lhe é exigido quando ele sai de seu ambiente linguístico e passa a conviver com pessoas de outros níveis de escolaridade e profissões.

o falante provocada por sua inserção em um ambiente diferente do seu pode ocasionar uma possível idealização do falar dessas outras pessoas, seja pela pressão e influência da mídia, com isso o falante começa a utilizar formas que não pertenciam a sua variedade linguística.

Esse impulso em usar novas formas demonstra que, além da pressão que o novo ambiente provoca na modificação da variedade linguística de um falante, o comportamento e as atitudes linguísticas do falante em relação a essa pressão é que farão com que esse impulso seja visto como satisfatório ou não aos seus objetivos de se fazer pertencer ou não àquele novo ambiente.

O comportamento linguístico, mencionado acima, pode ser expresso pela existência de atitudes negativas e/ou positivas em relação às práticas linguísticas de outrem.

Muitas vezes, essas atitudes são estabelecidas com a posição social ou influência do usuário de determinada variedade linguística, visto que muitas falas/ expressões viram moda devido à popularidade e ao status socioeconômico de quem as usa e não, necessariamente, pela sua adequação gramatical. É como se houvesse uma espécie de identificação entre o falante e o ouvinte.

Como afirma Calvet (2002, p.77), portanto,

Os comportamentos [...] são, ao mesmo tempo, lingüísticos e sociais: há por trás deles relações de força que se exprimem mediante asserções sobre a língua, mas que se referem aos falantes dessa língua. E, quaisquer que sejam as formas estigmatizadas, rejeitadas, classificadas como ilegítimas (em nome de critérios de prestígio, de classes sociais, de anormalidade congênita, etc.) elas o são por referência a uma forma tida como legítima.

Dessa forma, se a experiência do falante for degradante e se ele se sentir vítima de preconceito relacionado à sua variedade linguística, ele passará a %creates the system for his

semble those of the group or groups with which time to

time he may wish to be identified, to the extent that<sup>6</sup> (LEPAGE, 1985)<sup>6</sup>.

Para Alkmin (2001, p.43), ãa motivação para falar [de] outro modo é sempre social, e isso pode ser produzido pela escola, ou pela experiência social. A experiência social, no caso desta pesquisa, se faz fator primordial, visto que a idealização do correto, muitas vezes, leva o falante a buscar a adequação linguística ao papel social que ele está desempenhando, essa projeção pode desencadear fenômenos linguísticos de suma importância, tal como a hipercorreção.

No que diz respeito à variedade linguística, os julgamentos de valor feitos em relação à variedade utilizada pelo próprio falante ou em relação à variedade linguística dos outros falantes geram atitudes linguísticas que, muitas vezes, são motivadas por diversos fatores: ãsentimentos dos falantes para com suas línguas, para com as variedades de línguas e para com aqueles que a utilizam (CALVET, 2002, p. 65).

A busca pela adequação linguística pode, também, ser reflexo da insegurança linguística que o falante sente ao, de forma preconceituosa, analisar sua maneira de falar relacionando-a ao que ele considera como padrão, adaptando, por conseguinte, uma norma externa a sua comunidade de fala, sem ter conhecimento do seu funcionamento, não sabendo, portanto, aplicá-la justamente por não lhe reconhecer os limites, dessa forma a insegurança linguística levaria à transformação do uso linguístico de contextos informais para contextos mais formais e, até mesmo, a adoção de marcadores de prestígio, visto que

Em toda comunidade, existem falantes que têm mais consciência do que outros das formas prestigiosas de falar e cujo comportamento é mais influenciado pelos padrões externos de excelência. Eles exibirão uma alternância estilística maior do que aqueles que não reconhecem tais padrões (LABOV, 2008 [1972], p.251).

---

<sup>6</sup> ãCriar o sistema para o seu comportamento verbal de forma que ele possa se parecer com aqueles do grupo ou grupos com o (s) qual (quais), de tempos em tempos, ele possa querer se identificar.

A questão da segurança linguística pode ser expressa quando por razões sociais variadas, os falantes não se sentem questionados em seu modo de falar, quando consideram sua norma a norma, ou seja, quando não se sentem impulsionados em modificar sua variedade linguística para se adequar a algum padrão externo de correção.

No que diz respeito à insegurança linguística, no entanto, Calvet (2002, p.72) afirma que os falantes consideram seu modo de falar pouco valorizador e tem em mente outro modelo, mais prestigioso, mas que não praticam, justamente por temerem o erro ou, quando praticam, acabam por produzir fenômenos como os da hipercorreção, decorrentes justamente dessa pressão exercida pelo medo de errar e pela idealização de um falar prestigiado.

A busca pelo modelo prestigioso de fala, normalmente, é desencadeada pela *correção social* explícita da fala, contudo, ela é extremamente irregular, concentrando-se nos itens lexicais mais frequentes (LABOV, 2008 [1972], p. 287).

Essa correção pontual, à qual Labov faz referência, é um gatilho que leva o falante, usuário da variedade estigmatizada, a procurar se adequar ao padrão e, com isso, se tornar mais aceito.

Essa nova tomada de posição frente ao uso linguístico transformará, também, seu comportamento linguístico de tal forma que ele poderá se confundir nesse caminho de busca pelo ideal linguístico, passando a utilizar construções/ pronúncias/ léxicos que não pertencem nem a esse padrão idealizado, nem a sua própria variedade linguística.

Essas variantes utilizadas pelo falante poderão se transformar em um marcador que denunciará que, mesmo com esse movimento de tendência à norma, ele não pertence, de fato, àquela comunidade.

(2008 [1972], p.140), em relação à mudança de atitude e

comportamento por parte do falante, ãa forma do comportamento lingüístico muda rapidamente à medida que muda a posição social do falanteö.

As atitudes e comportamentos lingüísticos apresentam-se como conceitos de suma importância para os estudos em sociolingüística, já que o seu compartilhamento entre um grupo de falantes é o que dá a esse grupo o estatuto de uma comunidade de fala, visto que a noção laboviana de comunidade de fala recobre tanto aspectos lingüísticos quanto sociais: trata-se de atitudes/normas (sociais) compartilhadas pelos falantes que, por sua vez, compartilham características lingüísticas semelhantes.

Se o falante deve possuir, na visão de Labov, as mesmas atitudes e comportamentos em relação à variedade lingüística utilizada por ele, para se dizer pertencente à determinada comunidade de fala, podemos afirmar, então, que ao se sentir vítima de preconceito por não se inserir em determinada comunidade lingüística de fala, o falante irá, consciente e inconscientemente, se adequar àquela comunidade nova que agora lhe serve de modelo de uso lingüístico, para com isso subtrair o preconceito lançado à sua variedade lingüística.

#### 1.1.1.2 O papel da formalidade, do prestígio, do sexo e da idade no uso da hipercorreção

Ao adentrarmos em um novo ambiente, seja ele familiar, escolar, empregatício, uma das primeiras coisas que tentamos modificar é nossa postura frente às pessoas que estamos acabando de conhecer, seja por não sabermos quem são elas, seja para que elas tenham uma visão satisfatória ao nosso respeito, principalmente se elas nos deixarem intimidados devido ao cargo que ocupam ou devido à influência que exercem no ambiente em que nos encontramos.

percebida também na nossa fala que, muitas vezes, sofre mudanças para se adequar à formalidade que este início acarreta.

Segundo Fischer (1958, p. 97), o índice de ÷ formalidadeø de um dado seria determinado pela variante escolhida em diversos grupos de variantes sócio-simbólicas, onde cada uma teria um diferente nível sócio-simbólico concorrente ao grau de formalidadeö.

A escolha da variedade a ser utilizada no momento da interação social é que evidencia se para o falante aquele momento denota alguma espécie de formalidade ou não, essa escolha pode atingir todos os níveis de análise linguística: morfológico, sintático, semântico, fonético, possibilitando ao falante ter um vasto repertório linguístico que lhe assegure a modificação de sua fala de um estilo informal a outro mais formal, dependendo do contexto social e comunicativo.

No entanto, por terem o mesmo valor de verdade ou referencial, as variações linguísticas não prejudicam o falante no que diz respeito ao seu entendimento, mas por serem concorrentes em sua significação social e/ou estilística, elas podem demonstrar de que lugar aquele falante se originou, mesmo que ele tente esconder isso.

A análise de momentos em que o falante se sente tenso em relação ao seu interlocutor e, por conta disso, modifica sua maneira de falar para se tornar aceito, deve levar em conta a questão da variação estilística que é, por muitas vezes, confundida com a de registro.

Como registro, temos uma variedade linguística que é ligada à determinada profissão ou assunto, dessa forma, os registros no que se referem às profissões diferem uns dos outros devido ao uso de um léxico diferenciado característico daquela área. Como afirma Trudgill (2000, p. 81), ÷Register are usually characterized entirely, or almost so, by de vocabulary

particular words, or by the use of words in a particular sense.<sup>7</sup>

Ao estilo, todavia, estão associadas questões de níveis de formalidade já que os styles can be ranged on a continuum ranging from the very formal to the very informal (Trudgill, 2000, p.81).<sup>8</sup>

No que diz respeito aos condicionamentos estilísticos, a questão do contexto situacional se faz fundamental uma vez que

El uso en la lengua de una determinada variante, en lugar de otra, puede obedecer a condicionantes estilísticos motivados por el contexto situacional (variación diafásica) en que tiene lugar el acto de habla, además, de los sociales, como son la clase social, estatus, edad, sexo, redes sociales, etc. Esto es, la lengua varía no solo según las características sociales del hablante sino también según el contexto social en que el que este se encuentra, con lo que el mismo hablante puede utilizar diferentes variedades lingüísticas en diferentes situaciones y con objetivos también diferentes<sup>9</sup> (CAMPOY & ALMEIDA, 2005, p.30).

As variáveis que condicionariam a variação de estilo do mais coloquial até o mais monitorado seriam, segundo Halliday (1978, p.132): a importância do evento, o interlocutor, o ambiente e atributos do falante.

Para Labov, no entanto, a questão da variação estilística diz respeito à existência dessa escala de formalidade impulsionada pela atenção prestada pelos falantes ao momento da entrevista de coleta de dados.

Essa escala seria, então, governada pelo reconhecimento de um padrão externo de correção que ao ser idealizado e esperado pelo falante o faz adequar a sua variedade à situação comunicativa e, principalmente, ao seu ouvinte.

<sup>7</sup> Os registros são normalmente caracterizados quase ou inteiramente por diferenças no vocabulário: tanto pelo uso de determinadas palavras, quanto pelo uso de palavras em um sentido particular.

<sup>8</sup> Os estilos podem ser variados em um continuum que varia do mais formal ao mais informal.

<sup>9</sup> O uso na língua de uma determinada variante, em lugar de outra, pode obedecer a condicionantes estilísticos motivados pelo contexto situacional (variação diafásica) em que tem lugar o ato de fala, além, dos sociais, como são a classe social, status, idade, sexo, redes sociais, etc. Isto é, a língua varia não somente segundo as características sociais do falante, mas sim, também segundo o contexto social no qual o que este se encontra, com o que o mesmo falante pode utilizar diferentes variedades linguísticas em diferentes situações e com objetivos também diferentes.

estão individual que perpassa a língua usada no contexto de entrevista sociolinguística, com a adoção desse conceito Labov está õapto a mostrar que, novamente em um sentido estatístico, pessoas falam cuidadosamente até o mesmo ponto em uma entrevistaö (Cf. LABOV, 2008[1972]).

Em virtude disso, no caso das entrevistas em sociolinguística, o pesquisador tem que minimizar os efeitos do paradoxo do observador para que o entrevistado não altere a sua variedade cotidiana, devido à inserção de uma pessoa estranha em sua comunidade de fala.

Como consequência disso, então, o falante modificaria seu estilo para o mais formal se adequando àquela entrevista. Fato esse que prejudicaria o andamento da pesquisa, no entanto, se essa mudança for proposital, pode ajudar a entender em que contextos e por quais motivos os falantes modificariam sua variedade linguística.

Esses estilos de entrevista, entretanto, ajudariam ao sociolinguista a encontrar elementos em variação que para muitos são tidos somente como erros, mas para ele, seriam elementos provenientes da heterogeneidade ordenada inerente às línguas, não se tratando, portanto, de fenômenos marginais frutos do acaso.

Esses fenômenos, na verdade, demonstram que o indivíduo sabe, mesmo que intuitivamente, quando e como usar as variantes que ele adquiriu em sua comunidade de fala ou experiência de vida, em seus devidos contextos e de acordo com o papel social que ele está desempenhando.

Todavia, a ideia de que uma variedade é mais adequada à determinada situação depende mais do prestígio que ela tem no seio daquela comunidade do que da sua adequação gramatical, a noção de prestígio, inicialmente estudada por Trudgill (1972), perpassa a questão de valorização e desvalorização social, como afirmam Campoy & Almeida (2005, p.97),

la sociolingüística es un comportamiento lingüístico: se refiere a la  
quieren algunas variedades dialectales, acentos o incluso rasgos  
lingüísticos determinados, como consecuencia de una reputación adquirida o  
atribuida, que es totalmente subjetiva y, a menudo, ocasional.<sup>10</sup>

O prestígio manifesto (*overt prestige*) é aquele que é expresso de forma geral e pública em toda comunidade de fala e normalmente se refere à variedade padrão utilizada naquele meio, é o mais encontrado na sociedade devido à valorização dada à correção gramatical.

Em contrapartida, há ainda o prestígio encoberto (*covert prestige*) que diz respeito à adoção de variantes linguísticas estigmatizadas justificada pela garantia da identidade do falante em relação a um grupo social.

Como afirma Paiva (2003, p.40),

[essas] são formas partilhadas no interior de um grupo e assinaladoras de sua individualidade com relação a outros grupos sociais. Se um indivíduo deseja integrar o grupo, deve partilhar, além das suas atitudes e valores, a linguagem característica desse grupo.

O prestígio encoberto é mais recorrente entre os homens que, por temerem ser vistos de forma diferente naquele meio em que estão inseridos, acabam adaptando seu comportamento e sua variedade linguística às do grupo a que eles querem pertencer.

Todavia, assim como os homens, as mulheres vêm modificando sua posição na sociedade, passando de donas de casa, para chefes de família, fato esse que pode influenciar também a questão do seu comportamento e usos linguísticos, visto que muitas mulheres, por serem divorciadas, viúvas ou por não terem se casado, assumem um papel diferenciado.

As diferenças entre a fala dos homens e das mulheres não perpassam somente a questão do prestígio encoberto das formas linguísticas, mas também outros aspectos que foram e estão sendo discutidos por vários teóricos.

---

<sup>10</sup> “O prestígio na sociolingüística é um comportamento lingüístico: refere-se à estima que adquirem algumas variedades dialetais, sotaques ou inclusive traços linguísticos determinados, como consequência de uma reputação adquirida ou atribuída, que é totalmente subjetiva e, muitas vezes, ocasionalô.

s primeiros estudiosos a pesquisar sobre a diferença existente entre a fala dos homens e das mulheres e constatou que, no caso do seu estudo, a forma de prestígio tende a predominar mais na fala feminina.

A análise da correlação entre sexo e a variação linguística, contudo, deve levar em conta o tipo de organização social da comunidade de fala que está sendo estudada, visto que assumir que somente as mulheres são mais propensas a utilizarem a forma padrão é generalizante demais, já que muitas vezes, as discrepâncias existentes entre a variedade utilizada por homens e mulheres são influenciadas pela posição social que cada um desempenha, bem como pelas pessoas com que eles estão lidando no momento da interação verbal.

No caso de estudo variacionista, por exemplo, é necessário observar se existe ou não influência do sexo do entrevistador e do entrevistado na ocorrência de certos fenômenos, visto que se o entrevistador for um homem, algumas mulheres, por se sentirem intimidadas, poderão modificar a sua variedade linguística produzindo elementos mais relacionados ao padrão linguístico. No entanto, se for uma entrevistadora, alguns homens buscarão utilizar meios para impressioná-la, com o intuito de demonstrarem seus conhecimentos acerca do tema tratado.

Essa tomada de posição frente ao entrevistador modificaria os dados dessa pesquisa, o que precisa ser mencionado para que não se generalize aspectos que foram motivados por fatores externos à língua, contudo, se isso já for previsto, se torna um fator relevante na análise de como homens e mulheres se comportam diante de pessoas de sexo diferente.

Vinculada à questão do sexo, a idade também se faz um fator primordial na análise do uso linguístico, visto que essa correlação parece evidenciar que ãhomens e mulheres mais jovens apresentam grande semelhança de comportamento linguístico, enquanto os mais velhos tendem a apresentar diferenças mais notáveisö (PAIVA, 2003, p.39).



Your complimentary  
use period has ended.  
Thank you for using  
PDF Complete.

[Click Here to upgrade to  
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

nte esses aspectos em separado, a questão de como a formalidade, o prestígio, o sexo e a idade atuam na produção linguística dos falantes deveriam ser tidos como um todo indissociável, o que ajudaria e muito no entendimento de como alguns fenômenos se manifestam na fala das pessoas.

### 1.1.2 A hipercorreção: estudos anteriores

Muitos são os fenômenos que podemos identificar quando analisamos a fala das outras pessoas com mais cuidado. Alguns, por não serem recorrentes, passam despercebidos e, no entanto, são tão importantes quanto aqueles que têm maior incidência.

Assim são os fenômenos provenientes da hipercorreção que, por não apresentarem uma grande quantidade de ocorrências, são vistos como fenômenos marginais desprovidos de motivações intra e extralinguísticas, isso se confirma pela existência de poucos trabalhos que abordam essa temática.

Para demonstrarmos, no entanto, que existem motivações que denotam o caráter sistemático e estruturado da hipercorreção, elencamos abaixo dois estudos feitos sobre esse fenômeno com base na Teoria da Variação, bem como algumas considerações feitas por estudiosos de outras áreas que evidenciam a hipercorreção como sendo um fenômeno importante dentre os fenômenos linguísticos. Apesar disso, devido a não existência de trabalhos brasileiros que abordem essa temática em Teoria da Variação, ficamos impossibilitados de resenhá-los nesse espaço.

(ay) e (aw) em Martha's Vineyard

Visando estudar a mudança sonora que consistia na alteração na posição fonética dos primeiros elementos dos ditongos /ay/ e /aw/ na Ilha de Martha's Vineyard, no estado de Massachusetts, Labov realizou uma pesquisa que desenvolveu as bases da Sociolinguística Variacionista, no que diz respeito ao aporte teórico-metodológico.

Esse estudo seleciona, segundo Labov (2008 [1972], p.25), um aspecto lingüístico característico de Martha's Vineyard com o mais amplo espectro possível de variação e o mais complexo padrão de distribuição. Visto que, é comum ouvir em Martha's Vineyard [ai] e [au] ou [ei] e [eu] em palavras que tem como padrão [ai] e [au], a exemplo de *right, white, twice, like, out, doubt*.

Apesar de ser um aspecto relevante no que se refere aos estudos lingüísticos, essa centralização não era perceptível para os falantes tornando-se uma marca local.

Acerca dessas tendências de uso feitas por estes falantes, em seus estudos preliminares, Labov mostrou que a representação desses ditongos em Martha's Vineyard é oposta ao que vem ocorrendo há cerca de duzentos anos.

A instabilidade com que esse fenômeno ocorria era evidenciada pela sua falta de regularidade, à primeira vista, em determinadas palavras, a saber: *while, time, line, I'm, try, now, how* ou *around*.

Para estudar esse fenômeno, Labov concebeu um modelo de entrevista que o ajudasse a ter acesso a vários exemplos de (ay) e (aw)<sup>11</sup> na fala espontânea, na fala emocionalmente carregada, na fala monitorada e no estilo de leitura.

Além das entrevistas estruturadas com o intuito de favorecer o aparecimento da centralização dos ditongos, foram feitas também observações de situações espontâneas.

---

<sup>11</sup> Os ditongos estão representados entre parênteses para evidenciar que o tratamento dado à variação desses ditongos está sendo tratado com um olhar sociolinguístico e não, somente, fonético. (cf. LABOV 2008 [1972])



Your complimentary  
use period has ended.  
Thank you for using  
PDF Complete.

[Click Here to upgrade to  
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

revistas, sendo obtidas 3.500 ocorrências de (ay) e 1.500

de (aw) como base de dados para o trabalho.

Com o *corpus* coletado e com as ocorrências distribuídas, Labov estudou a influência do ambiente segmental, de fatores prosódicos, influência estilística, considerações lexicais e distribuição por idade e tempo, em vistas a descobrir o que poderia estar motivando à aplicação do fenômeno em questão.

Lançando mão dessas ocorrências e das observações feitas no local para procurar entender a dinâmica desse fenômeno, Labov pôde delinear o que ele denominou como *Traço fonético Vineyardense*.

Essa pesquisa tratou também de estudar a utilização da centralização em determinados grupos étnicos que residem na ilha, demonstrando com isso que o fenômeno era na verdade um aspecto singular na fala dos moradores da ilha, dessa forma, para marcarem a sua identidade perante os turistas que ali chegavam, os moradores utilizavam esse recurso em suas falas.

A centralização, como marca de resistência as inovações e as visitas dos turistas, era mais recorrentes na fala dos idosos que com isso influenciavam os mais jovens a reafirmarem sua identidade de morador do local e sua vontade de permanecer lá.

#### 1.1.2.2 A hipercorreção no uso do (r) em Nova Iorque

Ao estudar o papel da hipercorreção de um grupo social da comunidade de fala de Nova Iorque e as consequências desse uso como fator de mudança linguística, Labov (2008 [1972], p.152) atestou que, no caso desse fenômeno, o significado social está

riante e com sua posição à forma mais antiga, com isso

pôde demonstrar que as correções sociais exerciam forte pressão nos usos individuais.

A maior parte dos dados apresentados por Labov, para realizar esse estudo, era baseado na medição quantitativa de indicadores fonológicos, embora o comportamento lexical e gramatical (2008[1972], p.152) também tivesse sido considerado, a análise empreendida tomou como base a fala de 81 adultos da cidade de Nova Iorque.

Estudos anteriores mostram que essa mesma comunidade havia a evidência de que a fala da maioria dos informantes não formava um sistema coerente por conter, segundo Labov, oscilações, contradições e alternâncias inexplicáveis em termos de um único idioleto (LABOV, 2008 [1972], p. 153) fornecendo, com isso, provas de que o comportamento linguístico dos nova-iorquinos seria o produto do puro acaso, sendo aleatório. Entretanto, quando a fala de qualquer pessoa em qualquer contexto foi comparada com o padrão geral da variação social e estilística da comunidade como um todo, seu comportamento linguístico se apresentou como altamente determinado e altamente estruturado.

Em seu estudo sobre a forma fricativa de (th), forma de prestígio na cidade de Nova Iorque, em oposição as formas oclusivas e africadas, consideradas formas estigmatizadas, Labov notou que todos os grupos sociais exibem a mesma redução gradual do uso de oclusivas e africadas em estilos mais formais, e, em cada estilo, há uma estratificação nítida da variável (LABOV, 2008 [1972], p.154).

Já no caso da pronúncia do *r*, os estudos mostraram que somente uma classe social utiliza algum grau de pronúncia do *r* na fala casual. No entanto,

(r-l) funciona como um marcador de prestígio do grupo social de *status* mais elevado. Inicialmente, a classe média, exibe o mesmo valor insignificante de pronúncia do *r* da classe operária e da classe baixa. Mas quando se acompanha a progressão rumo a estilos mais formais, a classe média baixa exibe um claro aumento dos valores de (r), até que, nos estilos D e Dø ela ultrapassa o uso da classe média alta (LABOV, 2008 [1972], p.155).

tipos de classes, atestou que a classe média baixa sempre

ultrapassava o valor do uso das variáveis nos estilos mais formais ao contrário da classe média alta.

Esse fenômeno foi chamado por Labov como hipercorreção, pois demonstrava o uso de formas corretas em estilos que nem mesmo a classe de *status* mais elevado utilizava.

O mesmo padrão de hipercorreção foi recorrente com outras variáveis significativas para essa comunidade, tais como o uso do (oh), pois a classe operária mostrava altos valores que são também características da classe média baixa. No entanto, o significado social para a classe operária não é exatamente o mesmo para a classe média baixa, uma vez que os falantes da classe operária mostram apenas uma ligeira tendência à correção desta vogal, com valores mais abertos em estilo formal.

O papel da classe média baixa, nesses fenômenos, se torna fator fundamental devido à sensibilidade dessa classe às pressões vindas de cima, que são justamente aquelas que estão relacionadas à correção social aplicada a formas linguísticas na fala de cada indivíduo.

Labov assumiu que o estudo da estratificação social deve abarcar dois aspectos: a diferenciação, de um lado, e a avaliação social, do outro.

Por meio dos testes aplicados para medir as reações subjetivas inconscientes a valores individuais das variáveis fonológicas, a saber: (oh), (r), (th), (eh). Labov atestou que aqueles que exibem a maior sensibilidade a esse traço estigmatizado na fala casual exibem a maior sensibilidade a esse traço em reações subjetivas (2008 [1972], p.159).

Em outro teste chamado de auto-avaliação que consistia em perguntar ao informante qual dentre quatro pronúncias alternativas de dada palavra era a mais próxima do modo como ele utilizava, Labov pôde mostrar bem claramente um extraordinário consenso na reação subjetiva à fala dos outros e sua não correspondência com a percepção acurada da produção linguística do próprio informante.

s instrumentos, pôde demonstrar que o falante novaiorquino percebe sua própria intenção fônica, em vez de perceber os sons reais que produz, neste sentido, o padrão que governa a direção da variação estilística é determinado por um conjunto estruturado de normas sociais. Ele é fonêmico no sentido mais amplo (2008 [1972], p.161)

Essa hipercorreção no uso de formas consideradas de prestígio se daria justamente por essa comunidade apresentar uma firme crença na correção da fala e se esforçam conscientemente por alcançar essa correção em sua conversa mais monitorada (LABOV, 2008 [1972], p.162) o que os levaria a ter esse comportamento linguístico próximo ao que eles idealizavam como sendo o "correto"

Como afirma Labov (2008 [1972]), o tipo de hipercorreção estudada por ele não é a mesma conhecida tradicionalmente, ou seja, a hipercorreção estudada por Labov faz referência ao uso de determinado traço fonético por falantes de classe média baixa que vai além do uso do mesmo traço por pessoas de grupos sociais mais elevados.

Segundo Labov, isso ocorre devido a uma tendência de usar formas consideradas corretas e apropriadas para estilos formais, enquanto a hipercorreção tradicional é vista somente como a aplicação equivocada de uma regra aprendida imperfeitamente, sem mencionar o porquê nem quando isso ocorre.

### 1.1.2.3 Algumas considerações acerca da hipercorreção

Alguns teóricos com vistas a demonstrar a dinâmica desse fenômeno, apresentam algumas discussões que ajudam a entender esse fenômeno e sua variabilidade.

e a hipercorreção é motivada pela vontade de se fazer adquirir um modo prestigioso de fala idealizado pelo falante que sofre algum tipo de preconceito linguístico, sendo assim, õesse movimento com tendência à norma [poderia] gerar uma restituição exagerada das formas prestigiosasö (CALVET, 2002, p.78).

Com isso, o autor assume que as ocorrências de hipercorreção são provenientes de estratégias utilizadas pelos falantes para õse fazer crer que se domina a língua legítima ou fazer esquecer a própria origemö (cf. CALVET, 2002).

Isso pode acontecer quando o falante sai do seu local de origem ou começa a trabalhar em um local que possui pessoas de um status socioeconômico, grau de escolaridade ou cargo superior ao seu.

Segundo Calvet (2002, p.78), õessa hipercorreção é testemunha da insegurança lingüística. É por considerar o próprio modo de falar como pouco prestigioso que a pessoa tenta imitar, de modo exagerado, as formas prestigiosasö. Com o intuito de serem aceitos pelo seu modo de falar, os falantes não se dão conta de que esse novo -modo de falarø pode ser considerado mais estigmatizador que o não-padrão e que eles podem sofrer mais preconceito do que anteriormente.

Corroborando com as ideias acima, Marcelesi & Gardin (1975, p.151), ao analisarem os trabalhos de Labov, afirmam que o termo õhipercorreção - [chamada] também hiperurbanismo - é, pois, um termo de sociolingüística que se refere à função social de certos fenômenos lingüísticosö.

Segundo os autores, a hipercorreção manifesta-se geralmente como uma analogia incorreta com uma forma de um dialeto de prestígio que o locutor não domina perfeitamente: trata-se, pois, no todo, da generalização de uma regra. Podendo-se, também, generalizar-se uma regra de um dialeto de baixo nível: é o *hipervulgarismo*.

fenômeno não é visto apenas como uma questão de imitação, mas sim como uma regra generalizada pela idealização de um falar mais prestigiado, ou seja, é um desvio em relação à estrutura regular.

A análise do fenômeno da hipercorreção, como vimos, pode ser feita de diversos pontos de vista, o que denota que esse fenômeno, apesar dos poucos trabalhos existentes, se faz de suma importância para o entendimento dos usos linguísticos.

Nosso trabalho, portanto, visa estudar esse fenômeno com um olhar sociolinguístico variacionista concentrando, dessa forma, as atenções ao seu caráter variável e estruturado, analisando a sua ocorrência na fala de pessoas desempregadas.

Partimos do pressuposto de que existe a presença de fenômenos de hipercorreção na fala de pessoas desempregadas e que essas ocorrências não dizem respeito somente ao nível fonético, assumimos, dessa forma, que a variedade linguística dos falantes que foram estudados nesse trabalho contém, também, construções morfológicas, sintáticas, semânticas e hipercorretas.

Esse fato pode comprovar o caráter sistemático dessas construções, visto que elas obedecem a restrições tanto linguísticas, quanto extralinguísticas da comunidade em que o falante se encontra, não se tratando de um fenômeno motivado pelo acaso.

A busca pela variedade correta, portanto, faz com que alguns falantes, em certos casos, utilizem sua variedade impregnada com termos e/ou construções que seguem um padrão de ultrapassagem linguística que vai além do grupo de *status* mais elevado, em sua tendência a usar as formas consideradas corretas e apropriadas para estilos formais (cf. LABOV, 2008 [1972]).

Mesmo que não haja a inserção do falante no ensino formal ele pode, dependendo da sua experiência, entrar em contato com pessoas mais escolarizadas e, nesse contato, assimilar



**PDF**  
Complete

*Your complimentary  
use period has ended.  
Thank you for using  
PDF Complete.*

[Click Here to upgrade to  
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

ante o que o daria subsídios para que, quando houvesse alguma situação, esse elemento pudesse vir à tona e ser usado satisfatoriamente ou não.

De acordo com Labov (2008 [1972], p. 161), isso se deve à grande insegurança linguística que atinge os falantes, principalmente, os que possuem baixa ou nenhuma escolaridade e, dentro desse grupo por terem o convívio com pessoas mais escolarizadas, acabam por assimilar as formas da linguagem utilizada, visto que algumas pessoas que sofrem preconceito com relação à sua fala se esforçam para combater o estigma de excluído.

Dessa forma, inseridos no contexto das concepções postas acima, será realizado, de forma inédita, um estudo sincrônico sobre a hipercorreção na fala de adultos da cidade de Maceió a fim de contribuir para o conhecimento do uso da variedade linguística desses falantes.

Neste capítulo, apresentamos o aparato metodológico que norteia nossa pesquisa, abordamos alguns aspectos que guiam a visão dos pesquisadores na teoria da variação. Apresentamos as hipóteses, os objetivos, o perfil dos informantes, bem como a constituição do *corpus* da nossa pesquisa.

Descrevemos também as convenções de transcrição e o procedimento de análise utilizado, bem como as variáveis dependentes e independentes levadas em consideração em nosso trabalho.

Como exemplo de uma metodologia para a pesquisa variacionista, fizemos um breve recorte dentre as várias possibilidades de se trabalhar com essa teoria e descrevemos como nosso estudo sobre a hipercorreção presente na fala de adultos desempregados foi desenvolvido.

## 2.1 APORTE METODOLÓGICO DA TEORIA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Os sociolinguistas afirmam que uma língua ou uma variedade utilizada por uma dada comunidade satisfaz às necessidades de comunicação dos seus usuários, afirmam, também, que todas as crianças aprendem a língua dos grupos em que vivem e que todos os dialetos, mesmo os não-padrão, são estruturados por natureza (cf. MARCELESI & GARDIN, 1975).

Labov (2008 [1972]) desenvolveu, com o intuito de sistematizar esses estudos, uma metodologia de pesquisa linguística, capaz de controlar, descrever e analisar dados de fala de forma confiável e exhaustiva.

), existiam quatro aspectos que impossibilitavam a investigação da fala espontânea e que demonstravam o motivo pelo qual somente a competência e a língua eram estudadas anteriormente:

- I) A agramaticalidade da fala cotidiana;
- II) A variação na fala e na comunidade;
- III) A dificuldade para captar e registrar a fala real; e
- IV) A raridade das formas sintáticas em variação.

Dessa forma, os estudos de Labov, ao aprimorarem cada vez mais a metodologia da pesquisa na sua área, ajudaram a desfazer alguns desses mitos procurando, portanto, cada vez mais uma análise que representasse a fala cotidiana.

Com vistas a analisar a heterogeneidade ordenada presente no uso linguístico, os pesquisadores que seguem o aporte teórico da sociolinguística variacionista adotam um modelo satisfatório que deve incorporar a análise do perfil social dos falantes de uma dada comunidade de fala.

Para isso, a sociedade é estratificada em grupos de acordo com a idade, com o sexo, com a escolaridade, com a situação socioeconômica o que proporciona a correlação entre o uso de determinadas formas em variação e a posição em que o falante se encontra na sociedade.

Dessa forma, dentro desse método de estudo, podemos seguir dois caminhos possíveis para a análise da variação linguística:

- a) A partir de um grupo definido em termos sociológicos, determinam-se os valores das variáveis que eles utilizam;
- b) A partir dos valores particulares das variáveis, determinam-se as características sociais dos grupos que as utilizam.

cial de como e por onde começar a pesquisar, partimos

então para a entrada na comunidade linguística, tomando cuidado com a maneira com que esse primeiro contato é feito, pois qualquer passo dado de forma errônea pode contribuir para a não participação de algum informante da comunidade, bem como a modificação da variedade natural do falante alterando, dessa forma, a ocorrência do fenômeno em estudo.

Após essa escolha, devemos levar em conta o modo de coleta dos dados linguísticos.

Segundo Chafe (1994 *apud* Jonhstone, 2000, p.24),

Observation can be *manipulated* (the linguistic makes something happen) or *natural* (something happens independent of the linguistic), *public* (based on something the linguistic sees) or *private* (based on what goes on in the linguistic head).<sup>12</sup>

Na busca por dados que denotem a realidade da comunidade linguística selecionada, podemos adotar mais de uma forma de coleta de dados, variando o tipo de contato com os falantes: a) interações livres; b) entrevistas; e c) testes.

A partir do fenômeno escolhido para estudo, delimitamos o tamanho da amostra que será observada. Para tal, o pesquisador tem que tomar cuidado com a homogeneidade da amostra, com o número de variáveis que serão levadas em conta no estudo dessa variação e com o método que será escolhido.

A sociolinguística variacionista não se ocupa somente da variação linguística entre os indivíduos de diferentes posições sociais, mas também da variação estilística de um só informante submetido a diversos contextos.

Com essa finalidade, algumas estratégias podem ser utilizadas para fazer variar esses contextos, segundo Marcelesi & Gardin (1975, p.141), o questionário utilizado é

---

<sup>12</sup> “A observação pode ser *manipulada* (o linguista faz algo acontecer) ou *natural* (algo acontece independente do linguista), *pública* (baseada em algo que o linguista vê) ou *privada* (baseada no que se passa na mente do linguista)ô.

riar a situação de comunicação. Trata-se, pois de fazer

variar os níveis de língua (estilos contextuais), do menos formal até o mais formalô:

- a) **Contexto A-** é referente às situações que escapam das restrições sociais da situação da entrevista;
- b) **Contexto B-** é referente à situação de entrevista que engloba o estilo mais simples denominado *fala monitorada*. Ocorre quando a pessoa está respondendo perguntas que são formalmente reconhecidas como integrantes de uma entrevista;
- c) **Contexto C-** é referente ao estilo de leitura em que as instruções dadas ao leitor visam estabelecer um estímulo rumo ao estilo de leitura mais coloquial, mas seu efeito é pequeno, pois as pessoas têm pouco controle consciente do uso das variáveis;
- d) **Contexto D-** é referente ao estilo de leitura de lista de palavras em que um passo a mais na direção de um contexto mais formal é considerado na pronúncia de palavras isoladas. Além do contrastes não refletidos do estilo C, temos o desempenho da pessoa no estilo D e sua reação subjetiva a esse desempenho, pois se pede à pessoa que leia cada par de palavras em voz alta e, em seguida, diga se elas soam de modo idêntico ou diferente de como ela as pronuncia. (LABOV, 2008[1972], p. 101-117)

Devido às características desse trabalho, as entrevistas feitas seguem a escala proposta por Labov no que se refere aos estilos contextuais, mais especificamente estão inseridas no **contexto B**. Justamente por levarmos em consideração a situação formal em que a entrevista aconteceu e o sentimento do falante perante a essa formalidade. Como veremos mais adiante, a formalidade, no caso da nossa entrevista, foi conseguida pelo ambiente, ou

toria do Sine, bem como pelo uso de um gravador, de um

questionário-guia e da própria postura do entrevistador.

Esses fatores impulsionariam a ocorrência dos fenômenos linguísticos provenientes da tomada de posição frente à formalidade, como por exemplo: a hipercorreção, como veremos adiante.

No entanto, sabemos que os fenômenos podem emergir ou não, dessa forma, cabe ao pesquisador notar se esses fatores são relevantes para a sua análise.

Após a coleta dos dados de fala, seguindo as normas e os cuidados adequados, podemos montar o *corpus* da pesquisa.

Com o *corpus* montado devidamente transcrito, podemos escolher entre uma análise mais voltada para o quantitativo ou para o qualitativo, visto que o uso de pacotes computacionais, nessa fase, pode ajudar ao pesquisador na quantificação exata dos fatores linguísticos e extralinguísticos para posterior análise, no entanto, em virtude do tamanho da nossa amostra os dados desse trabalho serão apresentados com o auxílio de percentuais sem o uso desses pacotes computacionais.

Mesmo podendo escolher entre esses dois tipos de análise visando à melhor descrição dos dados da pesquisa, o sociolinguista poderá utilizar as duas, pois elas não se excluem.

Ao final do trabalho, o pesquisador deve ter em mente que a sua pesquisa sempre deixará mais questionamentos do que respostas e, portanto, servirá de subsídio para outros trabalhos que abordarem a mesma temática.

A presente pesquisa visa demonstrar por meio de um estudo sistemático e descritivo a realização da hipercorreção na fala de adultos desempregados da cidade de Maceió, procurando evidenciar quais os condicionamentos linguísticos e extralinguísticos que podem influenciar a ocorrência desse fenômeno. Para isso procuramos realizar um estudo descritivo com o intuito de responder as seguintes questões:

1. A variação estilística condiciona o aparecimento da hipercorreção na fala de desempregados?
2. As mulheres utilizam mais hipercorreção do que os homens?
3. Os indivíduos da faixa etária de 17 a 30 anos produzem mais a hipercorreção do que os indivíduos de 31 a 55 anos?

Para responder essas questões, escolhemos o local em que iríamos fazer essa pesquisa, a saber: o posto do Sine-Jaraguá, devido à quantidade de pessoas desempregadas que procuram essa instituição, bem como a possível situação de assimetria existente entre o entrevistador e o entrevistado. Descreveremos, portanto, as condições em que as entrevistas aconteceram e as características das pessoas que aceitaram ser entrevistadas com o intuito de atestar se isso propiciaria ou não o aparecimento do fenômeno em questão.



#### 2.1.2.1 O local

O local em que realizamos a coleta de dados precisava reunir o maior número de desempregados possíveis e viabilizar as mesmas condições de entrevista para todos, com a finalidade de não haver influências negativas que modificassem as ocorrências em nossos dados. Deste modo, escolhemos o posto do Sistema Nacional de Emprego - Sine, para realizarmos nossa pesquisa, já que este local satisfazia nossas expectativas.

Para que esse trabalho pudesse ser realizado nas dependências do Sine, tivemos que pedir autorização para a Secretaria do Estado de trabalho, emprego e renda, bem como à Secom ó Secretaria do Estado da Comunicação, visto que estávamos na época de eleição e esse procedimento era exigido para comprovar a nossa identidade de pesquisador.

Após passar por todo processo de autorização, obtivemos resposta positiva, dessa forma, nos foi dado um documento que garantia nosso livre acesso às dependências do Sine por dois meses (ANEXO A).

##### 2.1.2.1.1 Sine - Sistema Nacional de Emprego

O Sistema Nacional de Emprego foi instituído pelo Decreto 76.403 de 8 de outubro de 1975, no âmbito federal e é vinculado ao Ministério do Trabalho e Emprego SPPE (Secretaria de Políticas Públicas de Emprego), tendo sido implementado no estado de Alagoas no ano de 1979, sob a coordenação da Secretaria de Estado do Trabalho, Emprego e Renda (SETER).



**PDF Complete**  
*Your complimentary use period has ended.  
Thank you for using PDF Complete.*

[Click Here to upgrade to Unlimited Pages and Expanded Features](#)

vo central fornecer ao desempregado informações e orientação acerca da escolha do emprego, bem como fornecer informações às empresas sobre a existência de recursos humanos disponíveis. Dentre os serviços prestados no Sine elencamos alguns de maior importância:

- Intermediação de Mão-de-obra;
- Atendimento e Habilitação ao Seguro-Desemprego;
- Programa de Qualificação Social e Profissional;
- Emissão de Carteira de Trabalho (CTPS).

O Sine cadastra os profissionais que estão desempregados ou os que desejam mudar de emprego, bem como as empresas que estão precisando de mão-de-obra, fazendo a intermediação entre empregado e empregador. Enquanto o trabalhador não é chamado, ele passa por alguns cursos ofertados pelo Sine para que ele se qualifique profissionalmente e possa suprir as necessidades da empresa que o contratar. Há dois tipos de seleção realizada pelo Sine:

- A primeira se refere àqueles empregadores que têm poucas vagas a oferecer e que as disponibilizam no site da referida instituição. As pessoas interessadas ao verem a vaga ligam para o Sine ou vão até o setor de atendimento dessa instituição e, caso elas estejam adequadas a todas as exigências impostas para o preenchimento daquela vaga, elas recebem uma carta de encaminhamento e se dirigem a empresa solicitante que fará a seleção do candidato, contratando-o ou não para o cargo ofertado. Ficando o Sine responsável apenas por esse encaminhamento;
- O segundo tipo de entrevista é o que requer um maior número de candidatos devido a uma demanda maior de vagas disponíveis. Nesse caso, ocorre outro tipo de abordagem, os cadastrados no Sine são selecionados de acordo com seu currículo. Aqueles que se



**PDF Complete**  
*Your complimentary use period has ended.  
Thank you for using PDF Complete.*

[Click Here to upgrade to Unlimited Pages and Expanded Features](#)

o convocados a irem ao Sine com todos os documentos para a próxima seleção feita agora pelo empregador.

O horário da entrevista é marcado e todos comparecem seguindo a ordenação do Sine, a entrevista realizada no Sine pode ser mais específica apenas para obter a certificação da experiência do candidato à vaga e a solicitação de sua documentação completa para possível contratação.

Esse momento de conversa entre o empregado e o empregador ocorre mais de forma pontual, na maioria dos casos, não ocorrem testes psicotécnicos, nem perguntas sobre personalidade, o necessário é apenas saber sobre as experiências profissionais anteriores, sobre a disponibilidade de viajar para outro estado e sobre a documentação para a possível contratação.

Nos dois casos acima descritos, caso o candidato seja admitido, ele deve ir ao Sine e dar baixa no seu cadastro. Caso contrário, ele deverá voltar com a carta de encaminhamento que lhe foi entregue e dizer quais foram os motivos pelos quais o empregador não o aceitou, ou em outros casos, porque ele não quis aquela vaga.

Dessa forma, o controle é feito e os funcionários do Sine podem contabilizar quantas pessoas foram empregadas e quantas não o foram, bem como o real perfil dos empregadores.

Os empregos ofertados pelo Sine são os que garantem registro na carteira de trabalho, assim como maior estabilidade. Para as pessoas que procuram empregos temporários ou são autônomos, a Central de Autônomos os encaminha para o mercado de trabalho.



A Central de autônomos é uma agência da Secretaria de Estado do Trabalho que faz a intermediação de trabalhadores autônomos para o mercado informal de emprego e tem como atribuições prestar os seguintes serviços:

- a) cadastro de trabalhadores autônomos;
- b) qualificação e catalogação das referências anteriores;
- c) seleção feita por meio de um processo de orientação técnico e psicológico ocupacional.

Esse local, apesar de possuir a demanda menor do que a do Sine, também foi utilizado por nós para a realização das entrevistas, visto que em alguns momentos o Sine não tinha salas vazias.

#### 2.1.2.2 Os colaboradores: perfil social

Por meio de observações feitas durante o período de dois meses em que passamos nessa instituição, bem como por conversas com funcionários e com o preenchimento da ficha social, pudemos entender um pouco a condição das pessoas que frequentam esse local, pois é relevante para nossa análise sabermos o perfil dos colaboradores da nossa pesquisa.

As pessoas que procuram o Sine estão desempregadas ou querem a oportunidade de mudar de emprego, sendo que o primeiro caso é mais comum. Essas pessoas sabem que no Sine há uma grande concentração de empregadores e, por consequência, aumentam as chances de eles conseguirem um emprego fixo.

entre os 16 e 60 anos de idade, devidamente cadastradas e com chance de encontrar emprego. Normalmente, não possuem a carteira assinada, visto que essa prática não era exigida por eles, devido à grande incidência de acordos informais firmados com o empregador.

Essa prática, por conseguinte, se torna o maior empecilho, pois o novo empregador normalmente exige pelo menos seis meses de atuação na área comprovados na carteira de trabalho ou em declaração.

Ao preenchermos a ficha social antes da entrevista de coleta de dados, os colaboradores informavam que já haviam passado por muitas entrevistas e seleções o que os faziam ficar desacreditados da sua própria contratação, contudo quando há uma nova convocação, eles se prontificam a tentar mais uma vez.

A posição/postura do empregador frente a essas pessoas faz com que elas tomem determinadas atitudes visando à vaga pretendida, mesmo sem ter qualificação para ocupar o cargo. Esse fato demonstra a ansiedade, o desconforto com a sua própria situação, que faz com que essas pessoas se tornem insatisfeitas e obstinadas a conseguir os seus objetivos, havendo, contudo, outras mais extremistas desistem por completo e não comparecem as entrevistas.

Geralmente, os candidatos são casados ou separados tendo em média de um a três filhos e com outros desempregados na família. Em sua maioria, já fizeram algum tipo de curso profissionalizante ou concluíram o ensino médio.

No Sine, podemos presenciar, também, pessoas que já tiveram grande patrimônio, mas que por algum motivo perderam tudo e estão em busca de uma nova oportunidade.

Deste modo, as pessoas que frequentavam o Sine, no momento em que fomos realizar nossa coleta, por estarem emocionalmente voltadas para a obtenção da tão sonhada oportunidade de emprego, tentavam demonstrar o que têm de melhor, com vistas a superar

faziam uso de diversas técnicas que são ensinadas nos cursos de capacitação oferecidos pelo Sine. Dessa forma, muitas adquiriam uma postura diferenciada quando estavam frente a frente ao empregador e/ou entrevistador com o intuito de causar boa impressão e serem bem vistas, segundo depoimentos deles.

Essa tentativa de adequação perpassava tanto as suas vestes, como a sua postura e a maneira de falar, dando margem com isso ao surgimento de fenômenos linguísticos de extrema importância para os objetivos dessa pesquisa.

Além da postura dos informantes, a influência do ambiente se mostrou como um fator impulsionador do fenômeno aqui estudado, visto que provocava a assimetria entre os participantes da pesquisa, ocasionando a ocorrência da hipercorreção.

#### 2.1.2.3 Coleta de dados

Começamos a frequentar as dependências do Sine, antes da realização das entrevistas propriamente ditas para nos familiarizarmos com o *modus operandi* da instituição e, como uma tentativa de naturalizar a nossa presença no local, para que os informantes não percebessem que não fazíamos parte do quadro de funcionários do Sine, pois, caso isso acontecesse, eles poderiam não aceitar fazer a entrevista ou não levariam a sério esse momento.

Após essa familiarização, a nossa primeira oportunidade de gravação foi feita em um dia em que ia haver seleção de pedreiros para uma construtora de Brasília. Fomos apresentados aos funcionários da empresa responsáveis pelo recrutamento de mão-de-obra e pedimos para participarmos do processo de seleção, eles consentiram e fomos até a sala, a seleção foi feita com 50 homens, de várias idade.

objetivas e não havia o estabelecimento de um diálogo entre os participantes, mesmo assim gravamos tudo, apesar de sabermos que não iria servir para o nosso trabalho.

Com vistas a entender quais aspectos seriam relevantes para a construção da nossa entrevista, participamos de outras seleções de emprego. Dessa vez, uma empresa prestadora de serviços hospitalares estava recrutando camareira hospitalar e homens para serviços-gerais. Foram convocadas cerca de 120 pessoas para serem selecionadas em apenas 3 horas de entrevista. Como esperado, a seleção se deu de forma rápida e objetiva, não havendo nenhuma espécie de diálogo entre o entrevistado e a pessoa responsável pelo recrutamento, devido à grande quantidade de pessoas e o tempo escasso. Nesse dia, foi feita uma pré-seleção. Deste modo, os candidatos pré-selecionados teriam que ir a um hotel para realizar uma entrevista mais criteriosa e assim serem contratados.

Participamos por mais duas vezes de outras entrevistas de emprego. Na primeira eram apenas duas candidatas ao cargo de cabeleireira. A psicóloga responsável pela seleção iria apenas fazer alguns testes com as candidatas, visto que a entrevista propriamente dita já havia sido feita no salão em que elas iriam trabalhar. Dessa forma, somente assistimos à aplicação do teste.

Na segunda seleção, eram mais candidatas que seriam recrutadas para vários cargos de uma loja de roupas que seria inaugurada no centro da cidade. Por se tratar de uma grande rede de lojas e pela questão do sigilo, o grupo de psicólogos responsáveis pela seleção apenas nos explicou como aconteceria o processo, mas não permitiu que nós assistíssemos, visto que se tratava de duas etapas com duração de um mês para cada uma: a primeira etapa consistiria de uma dinâmica em que as candidatas seriam pré-selecionadas e na segunda etapa aconteceriam as entrevistas mais específicas.

tivemos meios para construirmos uma entrevista que servisse para coletar os dados de forma satisfatória, não deixando margem para os informantes pensarem que se tratava de uma entrevista para analisar suas falas, para isso revimos nosso método de abordagem e procuramos meios mais eficazes de viabilizar nossa coleta. Organizamos entrevistas tomando por base o mesmo tipo utilizado por órgãos de seleção de pessoal com o objetivo de levantar questões relacionadas às razões que os levaram ao desemprego e/ou traçar um perfil socioeconômico dos mesmos. Preferimos tal abordagem, pois os candidatos são muitas vezes entrevistados com fins de seleção e poderiam não participar das mesmas, caso as considerassem irrelevantes para os fins que se propunham. As perguntas seguiam o roteiro (ANEXO B) apresentado em seguida:

- a) Você deixou seu emprego ou foi colocado para fora?
- b) Qual o cargo que você gostaria de ocupar? Por quê?
- c) Você já sofreu preconceito no seu local de trabalho? Como foi?

Algumas vezes, contudo, este guia não foi seguido, especialmente quando entrevistamos pessoas muito inibidas ou com dificuldade de conversar sobre os temas propostos. Nestes casos, para as entrevistas não sofrerem solução de continuidade, as dirigimos para outros temas, sempre relacionados à pessoa ou ao tipo de emprego desejado.

Os colaboradores selecionados para nossa pesquisa foram agrupados em duas faixas etárias, em um total de seis informantes por célula do sexo masculino e seis do sexo feminino: dos 17 aos 30 e dos 31 aos 55 anos. Após definido o grupo de falantes que seriam entrevistados, realizamos a coleta de dados para que pudéssemos conhecer melhor e atestar a presença da hipercorreção na fala desses informantes.



*Your complimentary  
use period has ended.  
Thank you for using  
PDF Complete.*

[Click Here to upgrade to  
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

receu quando fomos informados que estava ocorrendo o recrutamento de pedreiros e serventes para uma obra que seria iniciada em Maceió. Eram mais ou menos 40 homens e o responsável nos deixou falar com eles sobre nosso intuito de fazer uma pesquisa com pessoas desempregadas para a Universidade, somente três aceitaram fazer, fato que é previsto nos estudos em sociolinguística, visto que dependendo do modo como os falantes nos recebam e as suas impressões em relação ao pesquisador, a aceitação pode ser maior ou não, como foi nesse caso, já que eles estavam mais interessados em fazer a seleção e irem para suas residências.

Foi a partir daí que começamos a coletar os dados e a fazer nossa pesquisa fluir, visto que se fôssemos depender das entrevistas feitas no Sine, infelizmente, não iríamos poder coletar os nossos dados de forma satisfatória e condizente com os objetivos do nosso trabalho.

As entrevistas tinham um tempo médio de quinze minutos e podiam variar em um menor e maior tempo, de cinco a vinte minutos, respectivamente, e foram feitas em ambiente fechado em salas cedidas pelo diretor-geral do Sine e pela central de autônomos.

Passamos uma semana fazendo as entrevistas na sala cedida pela Central de autônomos, no entanto, como ela iria ficar ocupada, tivemos que deixar o espaço para os funcionários fazerem suas reuniões.

Conseguimos, entretanto, a sala da diretoria do Sine para continuarmos nosso trabalho com as pessoas que estavam esperando para serem atendidas, tanto na parte de cadastro, como na parte de solicitação de carteira de trabalho.

Apesar de termos uma sala para realizarmos nossas entrevistas, devido à grande quantidade de pessoas circulando na parte de atendimento, sempre havia algum ruído provocado pelas conversas ou pelo telefone bem como interrupções dos próprios funcionários que precisavam de algum documento que estava naquela dependência. Essas salas, todavia, nos ajudaram a manter a formalidade que queríamos, visto que isso será um dos aspectos a



**PDF Complete**  
Your complimentary  
use period has ended.  
Thank you for using  
PDF Complete.

[Click Here to upgrade to  
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

coletados, justamente por exercer uma grande influência

no modo como as pessoas se comportavam diante do entrevistador e por estarem naquela dependência.

A abordagem feita com os candidatos se dava de forma direta, saímos da sala da diretoria, que ficava em frente à parte de atendimento ao público, e nos dirigíamos às pessoas que se encaixavam no perfil que nós queríamos e dizíamos estar fazendo uma pesquisa sobre o desemprego.

Após a aceitação dos colaboradores, nós íamos à sala da diretoria e iniciávamos a entrevista com o preenchimento da ficha social (ANEXO C), que não consta nas transcrições devido à presença de informações de conteúdo pessoal. Em seguida, pedíamos permissão para gravarmos as entrevistas e, caso esta fosse concedida, iniciávamos com as perguntas, vale ressaltar que após o preenchimento da ficha social nenhum candidato se negou a gravar a entrevista.

Os dados foram coletados em um gravador digital no formato *Wave*. Tal formato garante uma melhor qualidade de gravação, sendo possível a sua conversão ou compressão para outros formatos digitais, sem perdas significativas na qualidade do material gravado.

Depois dessa nova abordagem, concluímos nossa coleta em três semanas, de forma satisfatória e mais condizente com o que nós objetivávamos no início.

Durante nossa permanência no Sine, tivemos poucos problemas. Os funcionários sempre se mostraram atenciosos e prestativos, não se tornando um empecilho na realização dessa pesquisa.

A seleção dos informantes para montagem do *corpus* dessa pesquisa obedeceu os seguintes critérios: estar desempregado no momento da pesquisa, ser cadastrado no Sine, e/ou estar prestes a se cadastrar, bem como ser natural de Maceió.

Dentro desses critérios, o universo deste trabalho é composto de dois grupos de informantes, a saber: o primeiro grupo apresenta informantes com idade entre os 17 e 30 anos, sendo o segundo grupo composto por informantes com idade entre 31 e 55 anos, de ambos os sexos, assim sendo, para cada célula tivemos o total de seis informantes.

Deste modo, quando concluímos a coleta, tínhamos um total de 24 entrevistas, as quais selecionamos para montagem do corpus e análise posterior, conforme ilustramos com a tabela abaixo:

**Tabela 1-** Total de informantes divididos por idade e sexo

Sexo	Idade	Informantes
<i>Feminino</i>	17- 30	06
<i>Feminino</i>	31-55	06
<i>Masculino</i>	17- 30	06
<i>Masculino</i>	31-55	06
<b>TOTAL</b>		24

**Fonte:** (Autora, 2011)

Após coleta e seleção dos informantes, fizemos uma análise das entrevistas selecionadas, obtivemos um total de 34 ocorrências que foram analisadas de acordo com os fatores internos e externos que as influenciaram.

Os grupos de fatores externos, como podemos ver na tabela acima, são sexo e idade. Como grupos de fatores internos, procuramos demarcar em quais níveis ocorriam mais

nos se os fenômenos que ocorriam eram mais sintáticos, semânticos, fonéticos e/ou morfológicos, como será apresentado mais adiante.

#### 2.1.2.5 Transcrição e quantificação

Com a entrevista gravada, partimos para a transcrição dos dados que, como afirma Paiva (2003, p. 135), tem como objetivo básico o transpor o discurso falado, da forma mais fiel possível, para registros gráficos mais permanentes, necessidade que decorre do fato de não conseguirmos estudar o oral através do próprio oral.

Com esse objetivo em mente, seguimos o modelo de transcrição ortográfica adotado pelo PRELIN (Programa de Estudos Linguísticos), coordenado pela Dra. Maria Denilda Moura, proposto pela equipe do GARS (Groupe Aixois de Recherches em Sociolinguistique dirigido por Claire Blanche-Benveniste). Além deste modelo, quando necessário, devido à natureza do dado, utilizamos transcrição fonética, usando os símbolos do Alfabeto Fonético Internacional.

#### **Quadro 1-** Convenções para transcrição ortográfica

Alongamento das vogais	:
Pausa curta	+
Pausa longa	- - -
Interrupção longa	////
Sílaba incompreensível	X
Sílabas incompreensíveis	XXX

Após a transcrição, pudemos perceber a existência de vários fenômenos que nos chamaram atenção, em especial, os fenômenos de hipercorreção, que demonstraram que os

falas a necessidade de se adequarem a variedade padrão

para serem vistos como pessoas qualificadas e preparadas para o mercado de trabalho.

Selecionados os dados para análise, elencamos os fatores que foram postos em análise, devidamente codificados de acordo com seu caráter, ou seja, linguístico ou extralinguístico. Dessa forma, analisaremos as hipercorreções primeiramente de acordo com sua natureza no sistema linguístico, ou seja, hipercorreções sintáticas, fonéticas, morfológicas e semânticas. Após essa etapa, analisamos de acordo com os fatores extralinguísticos selecionados para essa pesquisa, a saber: sexo, idade e contexto situacional.

Para melhor entendimento e leitura dos dados codificamos os fatores extralinguísticos, como podemos ver abaixo:

a) Sexo

M- Masculino

F- Feminino

b) Idade

1- Primeira faixa etária (17- 30)

2- Segunda faixa etária (31-55)

Para melhor identificação dos nossos informantes, colocamos entre colchetes e em itálico no final de cada sentença as informações que os caracterizavam, por exemplo:

L22- Porque não tava **combatendo** com a função que foi chamado trabalhá de motorista cheguei lá era serviços gerai aí num dava condição não deu me sustenta tem minha idade já ta xxx aí **condição** de motorista tudo bem mai quando ele pediu nego de fazê serviços gerai aí. [L22M2]

Com isso, podemos ver que a sentença foi proferida pelo falante número 22 [L22], de acordo com a ordem da gravação, pertencente ao sexo masculino [M] e situado na segunda faixa etária [2], para marcar as ocorrências do fenômeno usamos **negrito**.

Neste capítulo, focalizamos os fenômenos de hipercorreção encontrados em nosso *corpus*, buscando associar esses casos à formalidade ocasionada pela entrevista e as tentativas dos colaboradores em, de certa forma, utilizar termos diversificados e relacionados mais a sua experiência profissional ou a influência dos cursos ofertados pelo Sine.

Embora as condições fossem favorecedoras da ocorrência da hipercorreção, notamos que houve poucos casos, corroborando, dessa forma, com a natureza dos fenômenos de hipercorreção que aparecem em menor escala que os outros fenômenos linguísticos.

Apesar das profissões dos informantes não exigirem como ponto fundamental o domínio do uso linguístico condizente com a variedade padrão, os informantes apresentaram, ao usar formas õhipercorretasö, uma necessidade de ãrevelarø seu potencial e sua capacidade em se adequar a qualquer situação, pois em virtude da sua condição de desempregado, as suas qualidades, se impressionassem o entrevistador, poderiam garantir o emprego tão esperado e perseguido, mesmo sabendo que o intuito da entrevista não era o de selecionar candidatos, mas apenas discorrer sobre o desemprego e suas experiências profissionais.

Nosso intuito foi o de demonstrar que, mesmo ocorrendo em menor escala, os fenômenos de hipercorreção, em vez de serem considerados apenas discrepâncias, podem ser vistos como um fenômeno linguístico altamente sistematizável e provido de significação social.

Como primeira tentativa de sistematizar tais ocorrências, iniciamos nossa análise classificando as hipercorreções encontradas em nosso trabalho em quatro categorias, a saber:

- a) *hipercorreção fonética;*
- b) *hipercorreção morfológica;*

d) *hipercorreção semântica*.

As *hipercorreções fonéticas* são aquelas que ocorrem devido à inserção ou retirada de fonemas das palavras, provocando alterações que não são usualmente encontradas no vernáculo maceioense, diferindo um pouco do que é apresentado por Labov em seus trabalhos sobre a hipercorreção fonética. Como será visto mais adiante, procuramos ampliar esse o alcance conceitual proposto por Labov (2008 [1972]).

As *hipercorreções morfológicas* são aquelas que podem formar novas palavras ou não, por meio principalmente do acréscimo de afixos.

As *hipercorreções sintáticas* são aquelas produzidas devido a alterações na concordância nominal ou verbal que passa a desconsiderar a relação entre os termos da oração para concordar com o sexo do próprio falante ou de quem se está falando.

Já as *hipercorreções semânticas* ocorrem quando o falante utiliza um termo fora de sua significação convencional, ou seja, quando eles utilizam elementos preexistentes e a eles atribuem uma nova significação.

Mesmo as hipercorreções sendo separadas em categorias, como mencionado acima, assumimos que essas categorias não se excluem, visto que uma hipercorreção ocorreria primeiramente devido à tomada de posição do falante frente àquela situação de formalidade e insegurança linguística que desencadearia uma aparente correção, muitas vezes, desnecessária a sua fala. A materialização dessa tomada de posição se configuraria nas hipercorreções. No entanto, essas novas formas poderiam ser aceitas ou não pelos outros informantes, já que a consciência do valor das formas linguísticas se dá por meio da interação com os membros de uma comunidade de fala e não somente por ser adequada ou não no que se refere ao uso.

Diferentemente das hipercorreções *fonéticas* mostradas por Labov, as ocorrências encontradas em nosso corpus são produzidas por meio de reduções ou adições de sons, formando, com isso, novas representações para determinadas palavras que, se estiverem fora de um contexto, têm sua significação comprometida.

No caso dessas hipercorreções, podemos notar que elas ocorrem com elementos que apresentam mais de duas sílabas.

As hipercorreções fonéticas foram divididas em: *hipercorreção fonética por redução/ truncamento e hipercorreção fonética por modificação*.

### 3.1.1 Reduções/ Truncamentos

As hipercorreções fonéticas por reduções ocorreram com palavras que possuíam três ou mais sílabas. No caso dos exemplos em seguida, podemos perceber que o informante reduz o sintagma verbal a um nível que, fora de contextualização, não poderia ser retomado, seja pela ansiedade de falar rapidamente para que a entrevista acabe, seja pela própria insegurança desse informante em se fazer entender, o que ocasionaria a produção de um sintagma verbal inédito.

Esse fato pode ser atestado em nossa entrevista, pois alguns informantes demonstravam inquietação ao perceberem que o entrevistador não entendia o que eles estavam tentando dizer e se corrigiam tentando modificar seu modo de falar para atingir seu objetivo comunicativo.

de *desterizá*, mostram bem que a velocidade da fala, provocada pela inquietação, fazia com que houvesse a redução das palavras ao ponto de comprometer a sua significação.

(1) L7- Fui colocada pra fora quer dizer eu trabalhei assim por três meses só só foi mermo temporadinha queu passei nesse hotel Pajuçara ai quando **peta** os três meses ai pronto. [L7F2]

No caso de *desterizá*, por ser uma palavra de difícil pronúncia e por não ser recorrente, o falante por querer usá-la para demonstrar o seu potencial e conhecimento acerca da área de atuação, acaba por modificar essa palavra provocando o surgimento de uma nova forma que, em seu pensamento, é a forma usual *õesterilizarõ*.

(2) L8- Assim - as pessoa que eu tenho dificuldade de trabalhá são essas pessoa que manda você fazê uma coisa um exemplo ai eu tô trabalhando num hotel num restaurante tô colocando as toalha lá né os cobre mancha ai vô **desterizá** os talher e tudo ai vai tô nu setô me passa pa outro vô pu bá da praia trabaiá de barman. [L8M1]

Assim como os exemplos acima, outro elemento nos chama atenção: como podemos notar, se o item lexical fosse colocado isoladamente dificilmente um falante saberia identificá-lo, contudo dentro do contexto o que podemos verificar é que se trata do numeral *seiscentos*.

(3) L21- Eu digo oie eu tenho que avisá antes pa não fazê quinhetas peça **sensa** peça e não ficá perdida. [L21M2]

No exemplo 3, o informante procurando, também, demonstrar seu potencial e conhecimento da sua área de atuação, tenta impressionar o entrevistador com a quantidade de peças que ele tinha que fazer quando havia muitos pedidos, a sua hesitação era tão grande em demonstrar esses números, que ele usou uma forma totalmente desconhecida para enumerar a quantidade de peças que ele produzia.

Em alguns casos, os sintagmas novos continuam mantenedores da significação dos elementos primitivos que sofreram redução.

Existem, no entanto, alguns sintagmas que podem ser recuperados mesmo sem contextualização, visto que a redução ocorreu, mas não modificou drasticamente o radical dessas palavras, fato esse que favorece a sua ligação formal com o termo sem hipercorreção.

(4) L21- Ninguém que fez aquela nota qué assumí o erro diz logo rapai que **opedo** burro **opeadô** dez ano na empresa. [L21M2]

(5) L21- É ó porque no estudo mesmo xxx você sabe muito você estuda muito eu num terminei cê sabe de tudo mai se parte assim pa **paquimeto** pa trena o que eu trabalho **paquimo** trena. [L21M2]

Os exemplos acima são hipercorreções justamente por demonstrarem que em um momento formal de entrevista, devido às condições do ambiente em si e do papel do entrevistador, apresentadas no capítulo 2, os informantes, a partir do seu conhecimento de mundo, materializavam a sua preocupação em suas falas, demonstrando, com isso, a tentativa de adequar o que está sendo dito à norma exigida para esses momentos. No entanto, por não terem tido uma instrução escolar satisfatória ou não serem usuários da variedade idealizada, os informantes lançam hipóteses que se não forem negadas pelo seu ouvinte podem se repetir em momentos como esse.

### 3.1.2 Modificações

As hipercorreções fonéticas provenientes de modificações sintagmáticas são aquelas que sofrem simplificações em suas sílabas, transformando, dessa forma, a sua pronúncia.

lá por meio de uma reestruturação que compromete seu entendimento, visto que não há outros sintagmas que possam ser equiparados a esses novos que foram produzidos, como em *maquina* referente à *máquina* e *disfoitá* referente à *desfrutar*:

(6) L20- Tomá conta dos coquero é difícil que tem que aprendê o produto sabê quando ele tá bom de tirá pá **difoitá** tudo. [L20M2]

(7) L21- Aí você não vai sabê mexê com isso aí pega uma **mácuna** ajeita uma maqui pa fazê uma peça. [L21M2]

Nos exemplos 8 e 9, são utilizadas outras estratégias como a adição do prefixo *de-* e a junção do verbo já reduzido com o pronome reflexivo originando termos inéditos, como pode ser visto em *desterizá* e *sorticar*

Esses casos mostram, mesmo que de forma inicial, o conhecimento que esses informantes possuem da estrutura da língua, fato que se torna evidente pelo uso maior de traços linguísticos que caracterizam a fala *correta* e a necessidade de se evitar traços que caracterizem a fala *incorreta*

(8) L8- Assim as pessoa que eu tenho dificuldade de trabalhá são essas pessoa que manda você fazê uma coisa um exemplo aí eu tô trabalhando num hotel num restaurante tô colocando as toalha lá né os cobre mancha aí vô **desterizá** os talher e tudo ai vai tô nu setô me passa pa outro vô pu bá da praia trabaiá de barman. [L8M1]

(9) L7- Não só foi isso mesmo queu disse que a mulher disse queu tomasse remedo pra **sorticar** que eu tava ficando veia rapaiz isso é coisa que se diga num é sei não. [L7F2]

As modificações decorrentes da troca de fonemas ocorrem quando os falantes, por meio de motivações provenientes de alguma correção sofrida com relação a sua fala, acabam por tentar se corrigir ao máximo, idealizando uma pronúncia não existente com vistas a evitar o traço estigmatizado.

(10) L3- Eu ó- é ó assim eu **premero** ia estudá bastante e sê otra coisa melhô ia trabalha de vendedora né de de de casa de família mais o ia sê professora médica alguma coisa assim. [L3F2]

(11) L8- Tenho **previlégio** daquela pessoa me espelho por ela por isso que eu queria tê pra não depende de ninguém só isso. [L8M1]

Podemos notar, nos exemplos 10 e 11, que os falantes utilizam o fonema /e/ em vez do /i/ nessa posição, como influência do que eles podem ter aprendido na escola, ou devido a alguma correção feita, visto que normalmente essa troca ocorre nas posições finais em que uma palavra que tem sua representação na fala como /i/, mas tem em sua escrita a letra *e* para representar esse som, portanto a realidade da escrita é passada para a fala como uma forma idealizada de uso correto. Justamente como estratégia de não serem corrigidos, eles se apóiam nesse conhecimento prévio para produzirem esses tipos de hipercorreção comuns na escrita.

### 3.2 HIPERCORREÇÕES MORFOLÓGICAS

No caso das hipercorreções morfológicas, notamos que o uso de afixos, além de transferir o sentido intrínseco a eles, forma novas unidades lexicais que demonstram o conhecimento dos informantes acerca da formação de palavras, bem como as restrições da língua, visto que os afixos não são colocados de forma aleatória nos sintagmas.

No exemplo 12, o informante, conhecedor da função do afixo **re-**, ao utilizá-lo de forma análoga ao que ocorre na formação de outras palavras, demonstra haver na sua fala traços linguísticos caracterizadores da variante prestigiada.

(12) L1- Converso né explico aí a pessoa num gosta e você **reconversa** explica ai uma hora vai gostá. [L17F1]

Exemplo abaixo, em que o falante por meio do processo de derivação acaba por criar uma palavra que não tinha existência, mas que pode ter seu sentido capturado devido à ligação com a forma primitiva. Nesse caso, temos uma palavra que é derivada de *rebaixado*, fruto da tentativa de se nomear o ato de rebaixar uma pessoa:

Rebaixado                      →                      Rebaixismo

(13) L22- Foi preconceito foi **rebaxismo** e essas coisa toda. [L22M2]

Ainda no que se refere aos casos de hipercorreções morfológicas, temos os casos que os verbos irregulares são utilizados como sendo verbos regulares, isso ocorreu, principalmente quando os verbos faziam referência a primeira pessoa do singular, nesse caso, então, era usada a desinência de primeira pessoa seguindo os moldes dos verbos regulares.

Isso se dá, segundo Votre (2003, p.53),

[por meio da] regularização resultante de reanálise das conjugações verbais como em *esteje* calmo, em que o parâmetro subtendido seria um verbo hipotético *estejar*, da primeira conjugação, que atuaria, em vez de ser, como seus radicais (se-, so-, e-, fu-, sej-).

(14) L7- Ela gostava de gente que gostava mais de tá fuxicando com ela lá dento entende tem hotel assim que tem as pessoa assim quer uma pessoa assim que não **teje** com conversa nem nada mas esse hotel Pajuçara que trabalhei eles gosta de gente que teja assim com isso fuxicando e eu como eu e a menina num era disso essa que tá aí que você entrevistou ela aí pronto. [L7F2]

No caso abaixo, houve a regularização da aplicação da desinência número-pessoal, visto que assim como os verbos regulares têm adicionado o morfema de primeira pessoa do singular ao seu radical, aqui os verbos irregulares de segunda conjugação teriam também adicionado o mesmo morfema:

Sei-



Seio

(15) L20- É porque eu trabalho bem - né? entendo da profissão eu **seio** fazê as coisa em sítio assim então eu só tenho dez ano de trabalho que tomo conta de sítio trabalho de casero. [L20M2]

(16) L21- E eu não estudei mais só tem termo de estudo ou não eu **seio** mais dento daquela empresa do que você - você sabe no estudo no estudo você sabe mais do que eu no computadô tudo e eu num **seio** mais termo de fazê as peça negócio de porta assim a minha área é isso aí. [L21M2]

Esses casos mostram um aspecto caracterizador de hipercorreção, já que essa é uma regra utilizada fora de contexto estabelecido pela norma, pois mesmo se tratando de verbos irregulares que não recebem esse morfema número-pessoal, o falante insere o morfema com vistas a se adequar ao padrão de conjugação.

Com isso, percebemos que a adequação à norma impulsiona a ocorrência de fenômenos como esse, visto que a hipercorreção evidencia que alguns aspectos gramaticais são mais facilmente assimilados pelos informantes e utilizados como um mecanismo propulsor de suas falas.

Esses aspectos são normalmente os mais corrigidos, o que demonstraria que a correção pode inibir um uso, mas provocar a propagação de outros, justamente porque ela não se dá de forma competente.

No caso do *õperdoö*, a alteração do radical não é processada e o falante como tem em mente o verbo *perder* faz essa transferência sem transformá-lo, regularizando o padrão de conjugação desse verbo, pelo fato de apenas a primeira pessoa ter seu radical modificado:

*Perc-o      Perd-es      Perd-e      Perd-emos      Perd-eis      Perd-em*

(17) L8- Rapaiz não consigo trabalhá não eu fico tá entendendo eu fico impaciente eu fico nervoso eu só não **perdo** a cabeça ta entendendo. [L8M1]

Os casos acima, por serem obtidos por meio da regularização, são considerados hipercorreções, sendo uma tentativa desencadeada pela necessidade de se corrigir frente ao entrevistador, bem como pela formalidade exercida pelo contexto em que a entrevista ocorreu, como esperado inicialmente.

### 3.3 HIPERCORREÇÕES SEMÂNTICAS

As hipercorreções semânticas ocorrem quando o falante utiliza um termo fora de sua significação convencional. No caso dos nossos dados, os termos que apresentavam esse fenômeno eram os sintagmas nominais.

Acreditamos que isso ocorra devido a não frequência da utilização desses termos no cotidiano desses falantes o que ocasionaria, de certa forma, a busca pela adequação à norma padrão por meio do uso de um léxico mais específico que denotasse um amplo conhecimento da área a qual aquele informante fazia parte, bem como do próprio português considerado ~~correto~~. Dessa forma, podemos notar que há significação social nesses usos e que a aparição de termos dessa natureza não é um fenômeno aleatório:

(18) L2- Mais melhô esse também já pelo amor de deus no caso se for uma frase assim né- acolá mais sei lá as palavras que muita gente usa mais pessoas do interiô que não tem **qualificação** xxx mas quando você tem **qualificação** você um local que você lida com pessoas que tem um bom relacionamento te uma boa convessa cê fala errado mais desde o momento que vê que ela não falô você ali você vai pegando então é igual a uma iscola né? é tudo vai devido sua relação eu custumo dizê muito o ambiente ajuda muito. [L2F1]

(19) L22- Porque não tava **combatendo** com a função que foi chamado trabalhá de motorista cheguei lá era serviços gerai aí num dava condição não deu me sustenta tem minha idade já ta xxx aí **condição** de motorista tudo bem mai quando ele pediu nego de fazê serviços gerai aí. [L22M2]

... eu sou de menor e o problema é só o tempo que eu tenho muito que aproveitá minha vida às vezes eu dexava. [L22M2]

(21) L12- Salário também depende do emprego co vô - tá entendendo? conquistá num emprego pra depois sabê do salário a quantidade se vai sê **pegado** ou não se vai sê puxado tem tudisso. [L12M1]

(22) L8-Eu num chego num ambiente onde tem muita pessoa chamo ele a parte ou qualqué momento queu tivé **situado** com ele perto dele eu digo oia naquele dia ali tu deu um erro pá: conserta aí por favô é se quisé tomá tudo bem se não quisé normal. [L8M1]

(23) L21- Eu falo assim poque já aconteceu comigo já né de um rapaiz chegá lá pa trabalhá um senhô eu trabalhando e o rapaiz **impressionando** tal tal tal aí parava a maquina começava aquela disputa. [L21M2]

As realizações presentes em nosso *corpus* demonstram que ao produzirem uma hipercorreção semântica os informantes o fazem transferindo o significado do item idealizado para outro item, cuja estrutura é similar a do primeiro, ou seja:

<i>Ocorrências</i>		<i>Termos Correspondentes</i>	<i>Falantes</i>
Combatendo	→	Compatível	[L22M2]
Situado	→	Sentado	[L8M1]
Pegado	→	Pesado/puxado	[L12M1]
Impressionado	→	Pressionado	[L21M2]

A extensão do significado dos sintagmas nominais realizada pelos informantes é condicionada pelo estilo da entrevista, justamente por que eles procuram por meio de mecanismos disponíveis na língua, transformarem seu estilo de fala do mais informal para o mais formal na intenção de se adequar, produzindo, como consequência, termos fora de sua significação convencional.

(24) L8- Já fui corrigido muita vezes vocabulário de falá com as pessoas xxx sô daqui de Maceió só que não sô criado aqui - fui criado na zona rural - a minha a



Your complimentary use period has ended.  
Thank you for using PDF Complete.

[Click Here to upgrade to Unlimited Pages and Expanded Features](#)

Carvo - começa: [L20M1]

de idade foi no interiô ó é: nessa cidade chamada Porto

(25) L22- Eu sinto que já sofri pela pessoa que já são mais elevado as pessoa que são elevado já na **condição de vivência** acha que não - mas eu pelo por mim acho que já fui discriminado e realmente nessa firma passei catorze ano eu trabaiava nua função era trabalhava xxx industrial pesando carro. [L22M2]

O falante, por acreditar que utilizando termos/expressões mais elaborados, faria com que o entrevistador se impressionasse e achasse que ele estaria apto a desempenhar bem a sua função em uma empresa.

No caso da expressão **condição de vivência**, por exemplo, podemos notar que ela não é comum em nosso cotidiano, contudo faz referência justamente à elevada experiência de vida do informante em relação à outra pessoa de quem ele falava, o que demonstra certo cuidado com o que está sendo dito.

### 3.4 HIPERCORREÇÕES SINTÁTICAS

A hipercorreção ocorre muitas vezes quando o falante, não querendo ser corrigido novamente, lança hipóteses com relação ao que vai ser dito para que o seu ouvinte reconheça o seu conhecimento da norma padrão. Sendo assim, o falante corrige termos que, muitas vezes, estão de acordo com a norma padrão, mas que para ele não pertencem a essa norma.

No caso dos exemplos 26 e 27, podemos perceber que o falante utiliza o pronome *a gente*, terceira pessoa do singular, concordando com o verbo na primeira pessoa do plural. Como muitas pesquisas vêm demonstrando, o uso do *a gente* em contrapartida ao do *nós* é mais recorrente. Em nosso trabalho, ocorre o contrário, o que aponta que nos casos abaixo, devido a maior quantidade de ocorrência do pronome *nós* e sua concordância proposta pela norma padrão, ocorreria uma regularização da conjugação que seria mantida mesmo com a

...eia do *a gente* é de plural e a concordância se daria com relação a essa ideia.

Isso aconteceria para que o falante parecesse mais culto e não fosse estigmatizado, já que as correções a que os falantes são submetidos fazem com que eles acabem, eventualmente, ligando a forma inovadora à concordância da forma conservadora.

(26) L21- Que a gente não tem ai querem ser mais isso ai pa mim eu num to ligando por que a **gente sono** a mesma coisa um do outro. [L21M2]

(27) L21- Presta atenção no operado mais velho que ta lá dento pa sê um operado caso chegando agora a **gente vamo** pronto eu to nessa empresa há dez ano. [L21M2]

A hipercorreção sintática ocorreu em nossos dados também quando o informante concordou o verbo não com o sujeito, mas sim com uma forma que se adequasse mais ao que está sendo dito por ele, já que se ele usasse o que a norma pede, a sentença soaria estranha e não passaria a mensagem que ele gostaria:

**Ex.:** Eu *ajudo* tudo.

(28) L7- Aí quando eu to desempregada assim minha mãe fica tão triste coitada porque eu **ajuda** tudo eu acho queu recebia o salário e dava **todinha** pra ela. [L7F2]

No caso dos exemplos 29 e 30, temos a regularização da concordância nominal com o gênero do falante, visto que o termo *meio* concorda em gênero com o termo que o segue fazendo referência justamente ao feminino, isso pode ocorrer justamente pelo falante se sentir impulsionado a concordar com seu gênero, como tentativa de se adequar as regras de concordância pertencentes à norma que usualmente fazem a concordância seguindo esse princípio:

gente se sente **meia** humilhada, né? assim a pessoa assim  
fiz na cara assim a pessoa. [L7F2]

(30)L5- Porque ela disse que tarra cus problema na clínica e **meia** apertada ai num ia  
pode pagar ota agora, né? os direito dela, né? [L5F2]

No caso do exemplo 31, temos a concordância feita não em relação à palavra  
anterior, correspondente ou ao próprio falante, mas sim ao gênero das pessoas de quem se  
estava falando:

(31) L22- Eu sinto queu já sofri pela pessoa que já são mais **elevado** já na condição  
de vivência. [L22M2]

A questão da concordância se mostrou um fator de insegurança por parte dos  
informantes que buscavam se adequar a variedade padrão, corrigindo-se de todas as formas e  
procurando não errar.

(32) L20- É um ganho bom, né? salaro **bem** é isso que a pessoa pede, né? um salaro  
**bem** pra mantê a famia se: se eu serviço dá certo o caba continua se num dê a pessoa  
num vai. [L20M2]

(33) L6- Agora eu como sou uma pessoa já aconteceu isso comigo de eu entra de eu  
assim vê a: a **mal** vontade dos otros pronto quando eu fui sê camarera eu fui fiz um  
curso de camarera. [L6F2]

(34) L5-As pessoa não tem **consciências** se a pessoa chega assim é porque precisa,  
né? [L5F2]

Devido à formalidade provocada pela entrevista, bem como a presença de uma  
pessoa estranha naquele ambiente, podemos perceber que a fala desses informantes segue um  
movimento de busca pela variedade padrão evidenciada pela utilização de recursos que  
ajudem a evitar correções realizadas por seus interlocutores.

Dessa forma, construções como as que vimos acima emergem denotando a  
insegurança dos informantes quanto a sua variedade linguística.

, por meio do uso de construções não-convencionais, ser vistos como falantes cultos transferindo, com isso, uma identidade irreal que os faria serem aceitos na nova comunidade em que desejariam estar inseridos.

É o caso dos nossos dados em que devido à atenção prestada à sua fala, os falantes procuram se adequar a essa formalidade, tanto com relação a sua postura quanto linguisticamente, generalizando regras salientes da organização da nossa variedade linguística e transpondo isso para outros contextos em que essas regras não são cabíveis.

Essa transferência de regras para outros domínios acaba por criar formas e construções inéditas que por serem impulsionadas por tensões momentâneas, podem não ocorrer incisivamente na fala dos informantes, seria uma espécie de adaptação a determinados contextos situacionais que faria dessas estratégias um recurso para momentos de tensão.

No entanto, nem toda hipercorreção ocorre por meio da aplicação indiscriminada de determinadas regras de uso linguístico, a hipercorreção semântica, por exemplo, não se adequa a esse conceito, visto que ela ocorre pela transferência de significação de um item lexical para outro e não pelo uso de uma regra.

No caso do nosso trabalho, o conceito de hipercorreção, além de ser utilizado com referência ao conceito tradicional, como na *hipercorreção sintática, fonética, e morfológica*, traz uma adição, pois tentamos explicitar os motivos dessas ocorrências, bem como situar o contexto em que elas ocorrem, transportando a hipercorreção que antes era vista como um erro fruto do exagero, para uma construção inédita decorrente da necessidade que o falante tem em adequar a sua variedade àquele contexto de formalidade com vistas a evitar possíveis correções por não estar usando a norma padrão.

Analisando as ocorrências de forma numérica e de acordo com a classificação proposta acima, pudemos perceber que as hipercorreções fonéticas são mais recorrentes,

is pelas semânticas, para por fim termos as morfológicas,

como ilustrado na tabela abaixo:

**Tabela 2-** Total de ocorrências de hipercorreção de acordo com a natureza do dado

Hipercorreção	Ocorrências	Percentual
<i>Fonética</i>	11	32%
<i>Sintática</i>	09	26%
<i>Semântica</i>	08	25%
<i>Morfológica</i>	06	17%
<b>TOTAL</b>	34	100%

**Fonte:** (Autora, 2011)

Esse fato não era esperado quando iniciamos a nossa pesquisa, visto que achávamos que as hipercorreções morfológicas teriam maior número de ocorrências, no entanto, tivemos maior ocorrência com a parte fonética e sintática.

### 3.5 A HIPERCORREÇÃO E OS FATORES EXTRALINGUÍSTICOS: SEXO, IDADE E AMBIENTE DE ENTREVISTA

Com o intuito de demonstrar que o fenômeno de hipercorreção não é caótico nem aleatório, analisamos as ocorrências obtidas de acordo com os fatores linguísticos e extralinguísticos. Por meio das entrevistas de coleta de dados, alcançamos um total de trinta e quatro ocorrências na fala de adultos desempregados da cidade de Maceió, como podemos ver na tabela 3:

hipercorreção na fala de adultos desempregados da cidade

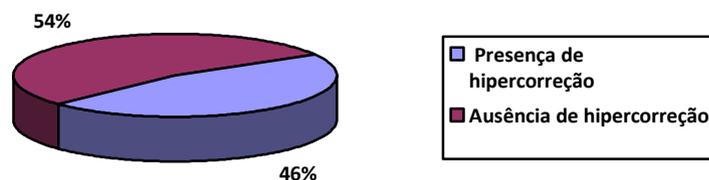
de Maceió

Hipercorreção	Informantes/Total	Percentual
<i>Presença</i>	11/24	46%
<i>Ausência</i>	13/24	54%

**Fonte:** (Autora, 2011)

Com um total de vinte e quatro informantes entrevistados, os resultados mostraram uma porcentagem de 46% de casos de hipercorreção, contra 54% de casos de ausência de hipercorreção na fala dos informantes, conforme ilustrado no gráfico:

**Gráfico1-** Total de ocorrências de hipercorreção na fala de adultos desempregados da cidade de Maceió



**Fonte:** (Autora, 2011)

Tomando por base o número total dos informantes entrevistados, podemos perceber que dos vinte e quatro informantes, onze tiveram atestada a presença de casos de hipercorreção nas suas falas, enquanto treze não apresentaram nenhum caso correspondente. Os dados obtidos, portanto, atestam que há variação na utilização de marcas de hipercorreção na fala desses informantes.

Devido às condições de formalidade presentes no momento da entrevista e à situação de desemprego vivenciada pelos entrevistados, a monitoração de suas falas com vistas à

na boa entrevista, nos levou a levantar a hipótese de que o número de ocorrências seria maior, no entanto, não foi o que aconteceu, já que nem todos se sentiram afetados por essas condições, por já terem experiência em fazer entrevistas de emprego e por passarem por treinamento comportamental.

Para analisarmos os fatores extralinguísticos sexo e idade, propostos em nossas hipóteses, tomaremos por base o número de informantes que apresentaram algum caso de hipercorreção em suas falas, a saber, onze, bem como o número total de ocorrências encontradas em nosso *corpus*, trinta e quatro.

### 3.5.1 A hipercorreção e o sexo

Na análise da variável sexo, partimos do pressuposto de que as mulheres, por serem mais preocupadas em se adequar ao padrão linguístico e, portanto, por buscar a correção das suas falas como modo de alcançar a variedade idealizada, produziram mais casos de hipercorreção, enquanto os homens não seriam preocupados com essa adequação. Corroborando, dessa forma, com estudos variacionistas que tratam a fala feminina como mais próxima ao padrão linguístico. Em nossa análise, obtivemos o contrário, como mostram os seguintes números:

**Tabela 4-** Resultado da presença de hipercorreção tomando por base o sexo dos informantes

Sexo	Aplicação/Total de ocorrências	Informantes/ Total de informantes	Percentual
<i>Feminino</i>	11/34	06/12	32%
<i>Masculino</i>	23/34	05/12	68%

**Fonte:** (Autora, 2011)

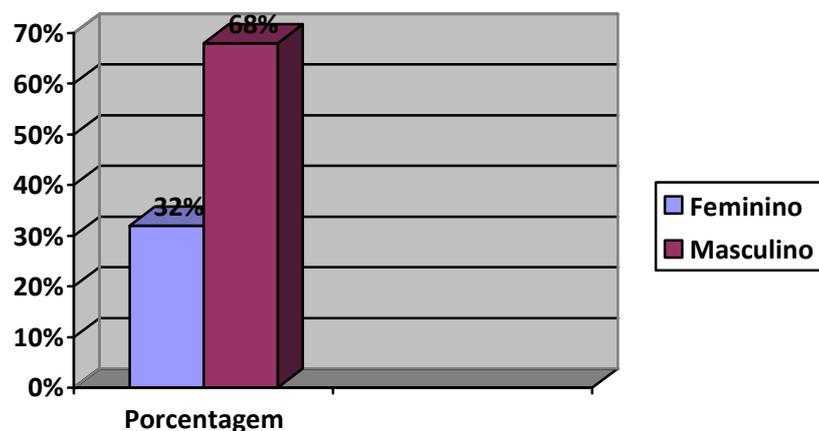
tes que apresentaram hipercorreção em suas falas, como exemplificado na tabela 4, podemos ver que as mulheres produzem menos casos do que os homens, visto que em um número de seis informantes, elas produziram onze ocorrências, já os homens em um número de cinco, produziram vinte e três ocorrências, a exemplo de:

(35)L2- Mais melhô esse também já pelo amor de deus no caso se for uma frase assim né- acolá mais sei lá as palavras que muita gente usa mais pessoas do interiô que não tem **qualificação** xxx mas quando você tem **qualificação**. [L2F1]

(36) L22- Porque não tava **combatendo** com a função que foi chamado trabalhá de motorista cheguei lá era serviços gerai aí num dava condição não deu me sustenta tem minha idade já ta xxx aí **condição** de motorista tudo bem mai quando ele pediu nego de fazê serviços gerai aí. [L22M2]

Esses resultados mostram que, apesar de as mulheres serem em maior número, elas têm um percentual de aplicação desse fenômeno de 32%, contra 68% de aplicação para o sexo masculino, como ilustrado no gráfico abaixo:

**Gráfico2-** Resultado da aplicação dos casos de hipercorreção tomando por base o sexo dos informantes



Fonte: (Autora, 2011)

De acordo com o gráfico 2, podemos atestar que a produção de hipercorreção feita pelo sexo masculino é maior do que pelo sexo feminino. A nossa hipótese inicial era de as

ias de hipercorreção que os homens, visto que os estudos variacionistas apontavam que as mulheres são mais preocupadas com a sua forma de falar, o que as levaria a correção das suas falas e, com isso, a utilização de hipercorreções nesse momento de formalidade.

Esse fato evidencia que algo pode ter influenciado essas mulheres, ou a sua experiência com entrevistas de emprego, ou o fato do entrevistador também ser mulher, o que conferiu a elas certa intimidade, não provocando, dessa forma, a necessidade de impressionar ou se esforçar para se fazer entender, como ocorreu no caso dos homens.

### 3.5.2 A hipercorreção e a idade

Para a análise da variável idade, partimos do pressuposto de que os falantes da primeira faixa etária, com idade entre 17 e 30, produziram mais casos de hipercorreção do que os que estão na segunda faixa etária, com idade entre 31 e 55 anos.

Isso apoiado no fato desses informantes terem terminado seus estudos recentemente, assim como participarem de cursos de aperfeiçoamento ofertados pelo Sine. Além disso, o acesso a mídia e a oportunidade de estar em diferentes ambientes mantendo contato com pessoas diferentes, nos levaram a acreditar que a primeira faixa etária produziria mais casos de hipercorreção do que a segunda.

Como podemos ver na tabela 5, os resultados da presença da hipercorreção na fala desses informantes, corresponderam a um total de trinta e quatro ocorrências, sendo divididos nove ocorrências para os informantes da primeira faixa, contra vinte e cinco para os informantes pertencentes à segunda faixa, a exemplo de:

...tudo aí a pessoa num gosta e você **reconversa** explica ai

uma hora vai gostá. [L17F1]

(38) L22- Foi preconceito foi **rebaxismo** e essas coisa toda. [L22M2]

Tendo como referência a quantidade de informantes que produziram hipercorreção, onze no total, temos uma distribuição de quatro informantes para a primeira faixa e sete para segunda faixa, como ilustrado abaixo:

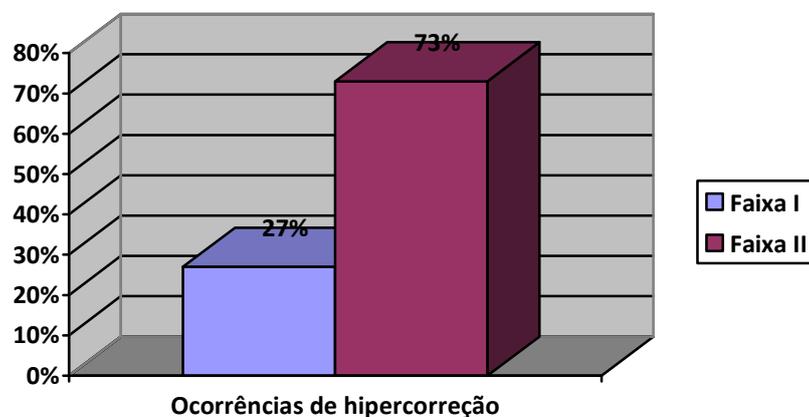
**Tabela 5-** Resultado da aplicação por informantes tomando por base a sua distribuição em duas faixas etárias

Idade	Percentuais	Ocorrências	Total de informantes
<i>Faixa I</i>	27%	09	04
<i>Faixa II</i>	73%	25	07
<i>Total</i>	100%	34	11

**Fonte:** (Autora, 2011)

A presença da hipercorreção alcançou um percentual de 27% para a primeira faixa etária, contra um percentual de 73% da segunda faixa etária, como podemos visualizar no gráfico abaixo:

**Gráfico 3-** Resultado da aplicação por informantes tomando por base a sua distribuição em duas faixas etárias



**Fonte:** (Autora, 2011)

iferentemente do que havíamos previsto, a segunda faixa etária se mostra mais favorável ao uso de hipercorreção em suas falas, principalmente no contexto de entrevista, isso pode ser decorrência do fato de os informantes terem mais experiência, trabalhado em muitos lugares ou terem convivido com pessoas de mais escolaridade. Apresentando, dessa forma, um maior cuidado com o que será dito por meio do monitoramento de suas falas, ao contrário dos mais jovens que não têm tanta experiência nesses casos.

### 3.5.3 A hipercorreção de acordo com o sexo e idade

Com a finalidade de atestar o peso que o sexo possui na presença da hipercorreção em cada faixa etária, analisamos com mais detalhes esses números. Dessa forma, tomando por base a distribuição das ocorrências de hipercorreção de acordo com o sexo e a idade dos informantes, temos um resultado de quatro informantes da primeira faixa etária, sendo esses dois homens e duas mulheres com um total de nove ocorrências, os homens, nesse caso, se mostraram mais produtivos do que as mulheres.

**Tabela 6-** Resultado da aplicação para a faixa etária I (17 a 30 anos)

Sexo	Percentuais de uso	Ocorrências	Informantes
<i>Feminino</i>	06%	02	02
<i>Masculino</i>	21%	07	02
<i>Total da faixa I</i>	27%	09	04

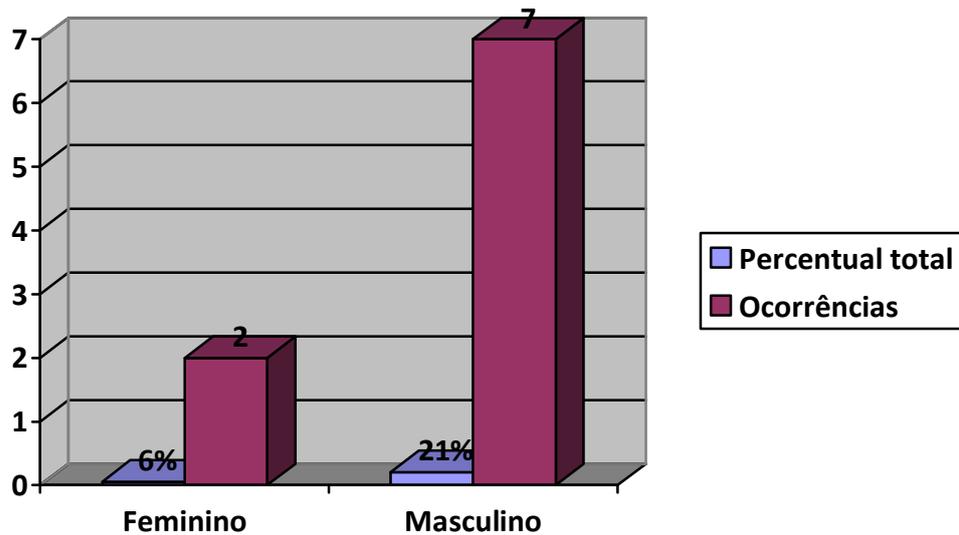
**Fonte:** (Autora, 2011)

Esses dados demonstram que, de acordo com o percentual total de casos de hipercorreção encontrados em nossos dados, os informantes da faixa etária I apresentaram nove das trinta e quatro ocorrências, com um percentual de 6% para o sexo feminino e 21%

total de 27% das ocorrências encontradas, mais uma vez

cabendo aos homens o uso mais frequente dos casos de hipercorreção.

**Gráfico 4-** Resultado da aplicação dos casos de hipercorreção tomando por base o sexo e a faixa etária I



Fonte: (Autora, 2011)

Na faixa etária II, no entanto, tivemos três homens e quatro mulheres apresentando casos de hipercorreção. Em um total de vinte e cinco ocorrências, os homens produziram dezesseis e as mulheres nove. Nessa mesma faixa etária estão agrupados os informantes que mais produziram esse fenômeno em nosso *corpus*, contrariando o que havíamos hipotetizado, pois justamente os mais velhos do sexo masculino produziram mais casos de hipercorreção, do que os informantes mais novos ou do sexo feminino, como podemos ver na tabela abaixo:

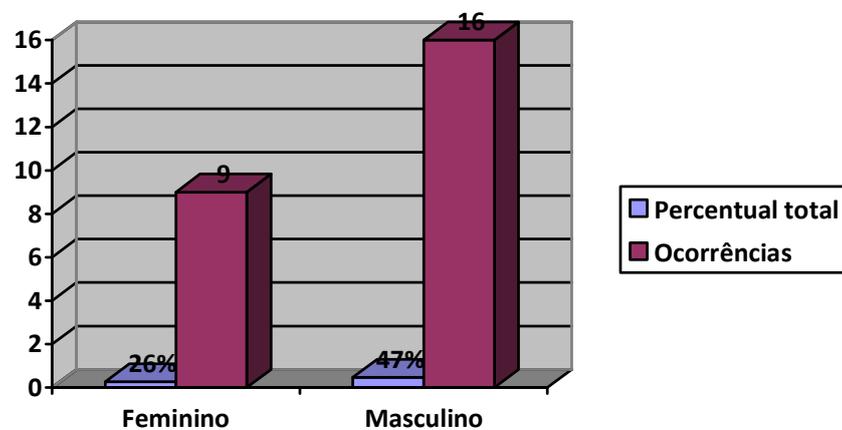
**Tabela 7-** Resultado da aplicação para a faixa etária II (31 a 55 anos)

Sexo	Percentuais	Ocorrências	Informantes
<i>Feminino</i>	26%	09	04
<i>Masculino</i>	47%	16	03
<i>Total da faixa II</i>	73%	25	07

Fonte: (Autora, 2011)

concordo com o percentual total de casos de hipercorreção encontrados em nossos dados, vinte e cinco das trinta e quatro ocorrências, com um percentual de 26% para o sexo feminino e 47% para o sexo masculino, somando um total de 73% das ocorrências encontradas no *corpus*.

**Gráfico 5-** Resultado da aplicação dos casos de hipercorreção tomando por base o sexo e a segunda faixa etária



Fonte: (Autora, 2011)

### 3.5.4 A hipercorreção e o ambiente de entrevista

Como explicitado na coleta de dados, ao irmos ao Sine assistir as seleções feitas pelos órgãos de recursos humanos, tivemos a possibilidade de verificar quais aspectos eram importantes na caracterização de um entrevistador.

Alguns dos aspectos mais visados pelos candidatos era a vestimenta do entrevistador, o modo como ele se comportava e se dirigia as pessoas. Segundo alguns candidatos, o responsável pelos órgãos de Rh deveriam ser vestir bem e terem boa aparência, esse conceito era adquirido nos cursos de aperfeiçoamento do Sine que muitos desses informantes haviam

coisas serem cobradas pelos instrutores, eles podiam, também, cobrar dos entrevistadores.

Munidos dessas informações, utilizamos essas dicas para testarmos a sua veracidade. Procuramos, com esse intuito, fazer com o que o contexto em que a entrevista para coleta dos dados foi feito, tivesse um ar de formalidade, tanto pelo local, como pela maneira que o entrevistador estava.

Esses fatores poderiam ter propiciado mais ocorrências, visto que havia condições favoráveis para isso, a saber:

- a) Pela tomada de posição do entrevistado em relação a esse contexto;
- b) Pela situação de assimetria mediante uma pessoa desconhecida, evidenciado quando o entrevistado mesmo sendo mais novo chamava o entrevistador de senhora e se mostrava calado e tímido;
- c) Pela necessidade de demonstrar suas qualidades para ser aceito no mercado de trabalho e para impressionar o entrevistador.

Ter coletado os dados no Sine foi um fator importante na obtenção dos resultados dessa pesquisa, visto que antes disso, tentamos coletar os dados em uma escola da rede pública utilizando para isso o mesmo tipo de temática, mas não obtivemos nenhum caso de hipercorreção.

Provavelmente, isso tenha acontecido devido a nossa postura e ao ambiente informal que tínhamos no momento da entrevista: uma sala de aula.



**PDF**  
Complete

*Your complimentary  
use period has ended.  
Thank you for using  
PDF Complete.*

[Click Here to upgrade to  
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

...ias diferentes, podemos afirmar, mesmo que de forma inicial, que o nível de formalidade, o ambiente e a influência exercida pela maneira como o entrevistador está se portando podem ser motivadores da hipercorreção.

## CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objetivo principal analisar o comportamento da hipercorreção na fala de adultos desempregados da cidade de Maceió. Com esse intuito, apoiamos nosso trabalho nos pressupostos teórico-metodológicos da teoria da variação (WEINRICH, LABOV & HERZOG, 2006 [1968] e LABOV, 2008 [1972]), por assumirmos que todo e qualquer fenômeno variável pode ser estudado com base em seus condicionamentos linguísticos e extralinguísticos.

Para construirmos o aparato metodológico adequado a esse fenômeno guiamo-nos pelos trabalhos de Labov (2008 [1972]), Campoy & Almeida (2005), Marcelesi & Gardin (1975) para que pudéssemos alcançar nossos objetivos.

Já os estudos sobre esse fenômeno desenvolvidos por Labov (2008[1972]) e as considerações apresentadas por Calvet (2002) e Marcelesi & Gardin (1975) nos ajudaram não só a constituir o aparato teórico norteador dessa pesquisa, como também a entendermos melhor a dinâmica da hipercorreção atrelada à sua baixa incidência e aliada à ausência de trabalhos específicos sobre o assunto.

Como não encontramos trabalhos do mesmo campo teórico que o nosso que versassem sobre a hipercorreção e sua presença na fala de desempregados, partimos do nosso conhecimento inicial acerca desse fenômeno e dos trabalhos de Labov na cidade de Nova Iorque e Martha's Vineyard, para construirmos nossas hipóteses, a fim de alcançarmos os objetivos elencados.

Através dos estudos de Labov, do perfil social desses informantes e do *corpus* levantado por meio das entrevistas, selecionamos as variáveis linguísticas e extralinguísticas, ilustramos nossos dados com tabelas e gráficos para melhor descrever esse fenômeno explicitando como a hipercorreção atinge a fala dos informantes.

este trabalho, realizamos entrevistas com a finalidade de coletar a fala de vinte e quatro adultos desempregados de ambos os sexos, a coleta foi feita nas dependências do Sine - Jaraguá.

Do *corpus* coletado, selecionamos trinta e quatro ocorrências, as quais foram submetidas à análise qualitativa dos aspectos linguísticos com o intuito de melhor descrever esses dados e explicitar a dinâmica desse fenômeno. A análise quantitativa foi feita com vistas a demonstrar em quais grupos de informantes esse fenômeno era mais recorrente no momento de entrevista formal.

No que diz respeito às motivações linguísticas, dividimos as ocorrências de hipercorreção em quatro categorias: fonética, morfológica, semântica e sintática.

As hipercorreções fonéticas foram as mais recorrentes apresentando um percentual de 32% de aplicação, correspondendo a onze ocorrências em um total de trinta e quatro casos. As hipercorreções fonéticas ocorreram de duas formas em nosso *corpus*: por redução/truncamento ou por modificações. Sendo comum aos dois casos, a modificação dos sintagmas de tal forma que, fora de contextualização, não se teria como resgatar o seu significado primeiro.

As hipercorreções morfológicas foram as menos recorrentes, totalizaram um percentual de 17% de aplicação, ocorrendo pelo uso de afixos tanto em sintagmas verbais como nominais, os casos somaram seis em um total de trinta e quatro.

As hipercorreções semânticas tiveram um percentual de 25%, totalizando oito casos e ocorreram com maior frequência em sintagmas nominais e em palavras de pouco uso no cotidiano desses falantes.

As hipercorreções sintáticas apresentaram um percentual de 26%, correspondentes a nove ocorrências. Para um fenômeno de pouca incidência, os dados desse tipo obtidos em nosso *corpus* foram bem maiores do que nossa expectativa, as ocorrências corresponderam a

a necessidade de utilizar formas para regularizar tanto a  
marcação da concordância nominal, quanto da conjugação verbal.

Quanto aos contextos extralinguísticos, analisamos a idade, o sexo e o contexto situacional. Das vinte e quatro entrevistas, onze informantes utilizaram elementos com hipercorreção e treze não utilizaram.

Ao analisarmos as ocorrências totais em função da idade e do sexo dos informantes, pudemos notar que os resultados mostraram um percentual de 46% de casos de hipercorreção, contra 54% de casos de ausência de hipercorreção na fala dos informantes havendo, dessa forma, variação no uso da hipercorreção no momento da entrevista formal.

Segundo a variável sexo, obtivemos um percentual de 32% de aplicação de hipercorreção feita pelas mulheres, contra um percentual de 68% produzido pelos homens. Esse dado foi de encontro a nossa hipótese inicial, segundo a qual as mulheres, por serem mais preocupadas com a correção gramatical e com a adequação linguística, produziriam mais esse fenômeno com o intuito de alcançar o padrão linguístico idealizado.

Para a análise da variável idade, dividimos nossos informantes em dois grupos compreendendo duas faixas etárias, a saber: grupo I (17 a 30 anos) e grupo II (31 a 55 anos). Segundo nossa hipótese inicial, os informantes pertencentes à primeira faixa etária seriam mais propensos a utilizarem a hipercorreção para promoverem sua fala e serem mais aceitos no mercado de trabalho. Isso pode ser influenciado tanto pela sua escolaridade, como pelo seu acesso a mídia.

No entanto, tivemos um resultado contrário, os informantes do grupo II produziram mais hipercorreções, chegando a um percentual de 73%, contra 27% do grupo I.

Assim como a idade e o sexo, o contexto em que a entrevista ocorreu, também, se mostrou fator relevante, visto que conseguimos estabelecer a assimetria necessária, visto que alguns dos informantes se sentiram impulsionados a modificar a sua variedade de um contexto

alø e adequada, portanto, àquele momento de entrevista, produzindo, em virtude disso, mais fenômenos de hipercorreção.

Os resultados obtidos nesta pesquisa podem comprovar a existência da variação da hipercorreção na fala de adultos desempregados da cidade de Maceió, como também a existência de condicionamentos linguísticos e extralinguísticos que exercem influência significativa sobre essa variação.

A descrição feita nessa pesquisa foi de suma importância para que alcançássemos nossos objetivos. A inserção no ambiente profissional dessas pessoas, a oitiva de seus problemas, inquietações, experiências de vida e o contexto de realização das entrevistas, nos permitiram ampliar e refinar, de certa forma, a análise dos resultados obtidos.

Acreditamos, dessa forma, que este trabalho possa contribuir para a descrição do uso da hipercorreção e, conseqüentemente, o conhecimento maior sobre as variedades e nuances do português brasileiro. Com isso, pudemos mostrar a importância de um fenômeno tão pouco discutido nos meios acadêmicos.

A partir de uma visão sociolinguística, pudemos evidenciar que a hipercorreção é o resultado da atitude e do comportamento de alguns falantes que, em situação de insegurança linguística, vêm na sua fala um modo de impulsionar a sua auto-estima e se valorizarem frente ao seu interlocutor.

Embora os resultados alcançados na análise de hipercorreção sejam muito satisfatórios, os mesmos podem desencadear possíveis desdobramentos na implementação de futuras pesquisas sobre a temática, visto que há poucos trabalhos que tratam a hipercorreção como objeto de pesquisa no campo da sociolinguística. Estes desdobramentos dizem respeito, por exemplo, à ampliação do foco de estudo, trazendo para análise outros fatores linguísticos e extralinguísticos e ainda a análise do fenômeno na escrita de jovens e adultos que vivem em



**PDF**  
Complete

*Your complimentary  
use period has ended.  
Thank you for using  
PDF Complete.*

[Click Here to upgrade to  
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

há alguma motivação no uso da hipercorreção na fala e na escrita desses informantes.

Os tópicos levantados podem ser realizados em uma só pesquisa, visto que são desencadeados, pelo mesmo pensamento, conhecer melhor como a hipercorreção ocorre, aumentando a gama de trabalhos e publicações que discutam mais sobre esse fenômeno e suas motivações.

Esperamos, dessa forma, que este estudo tenha contribuído não somente para o conhecimento da hipercorreção como um fenômeno linguístico, como também para impulsionar outros pesquisadores que queiram conhecer um pouco mais sobre o papel da hipercorreção na fala dos brasileiros.

De um modo mais amplo, visamos também provocar uma reflexão acerca dos fenômenos que não têm maior amplitude no que diz respeito ao número de ocorrências, visto que por menor que sejam, podem nos ajudar a conhecer melhor os mecanismos que os falantes utilizam como meio de alcançar um padrão idealizado pela escola e disseminado pela mídia em nossa sociedade.



## REFERÊNCIAS

- ALKIMIN, T. M. Sociolinguística. Parte 1. In MUSSALIN, F. e BENTES, A. C. *Introdução à Linguística 1. Domínios e Fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001.
- BRIGHT, W. (s.d.) As dimensões da Sociolinguística. In: FONSECA, M.S.V.; NEVES, M.F. (Orgs) *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974, p. 17-23.
- BRIGHT, W. Dialeto social e história da linguagem. In: FONSECA, M. S. V. NEVES, M. F. (Orgs) *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.
- CALVET, L.-J. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.
- CAMPOY, J. M. H. & ALMEIDA, M. *Metodología de la investigación sociolingüística*. Málaga: Editorial Comares, 2005.
- CHAMBERS J.K. *Sociolinguistic Theory*. Blackwell Oxford UK & Cambridge USA. 1995.
- DORIAN, N. C. Varieties of variation in a very small place: Social Homogeneity, prestige norms, and linguistic variation. In: *Language*, Baltimore, 1994.
- DUBOIS, J. et al. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1993.
- TODOROV, T; DUCROT, O. *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem*. Perspectiva: São Paulo, 1972.
- FASOLD, R. *The sociolinguistics of society*. Oxford: Blackwell Publishers, 1987.
- FISCHER, J.L. *Social influences on the choice of a linguistic variant*. Word, 1958.
- FISHMAN, J.A. A sociologia da linguagem. In: FONSECA, M. S. V. NEVES, M. F. (Orgs.) *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974. (Título original 1960)
- GUMPERZ, J., HYMES, D. *Directions in Sociolinguistics: the ethnography of communication*. Oxford: Basil Blackwell, 1972.

and meaning. University Press, Baltimore, Maryland, 1978.

HUDSON, R. *Sociolinguistics*. 2ª ed. CUP: Cambridge, 1996.

JOHNSTONE, B. *Qualitative methods in Sociolinguistics*. New York: Oxford University Press, 200.

LABOV, W. Estágios na aquisição do inglês standard. In FONSECA, M. S. V. NEVES, M. F. (org) *Sociolingüística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974, p. 49-85.

LABOV, W. *Padrões sociolingüísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008[1972].

LABOV, W. *Principles of Linguistic Change: Internal factors*. Massachusetts: Blackwell Publishers, 1994.

LYONS, John. *Linguagem e lingüística: uma introdução*. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

MALMKJAER, K. *The linguistics encyclopedia*. New York: Routledge, 2002.

MARCELLESI, J. B. & GARDIN, B. *Introdução à Sociolingüística: a lingüística social*. Lisboa: Aster, 1975.

MOLLICA, M. C. de M. and RONCARATI, C. N. Questões teórico-descritivas em sociolingüística e em sociolingüística aplicada e uma proposta de agenda de trabalho. *DELTA* [online]. 2001, vol.17.

MOLLICA, M. C.; BRAGA M. L. *Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

MONTEIRO, J.L. *Para compreender Labov*. Petrópolis: Vozes, 2000.

PAIVA, M. C. A variável gênero/ sexo. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.). *Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.  
PAIVA, M. C. de & SCHERRE, M. M. P. *Retrospectiva sociolingüística: contribuições do PEUL. D.E. L.T.A.*, **15** Especial: 201-232, 1999.

linguísticos. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*, São Paulo: Contexto, 2003.

RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. *Sociolinguística Interacional*. 2 ed, São. Paulo: Edições Loyola, 2002.

SEVERO, C.G. *A Comunidade de fala na sociolinguística laboviana: algumas reflexões*. Revista Voz das Letras: Universidade do Contestado, Santa Catarina: 2008. N: 9.

TARALLO, F. (Org.) *Fotografias Sociolinguísticas*. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1989.

TRUDGILL P. *Sociolinguistics: an introduction to language and society*. 4ª edição. London: Penguin Books, 2000.

VOTRE, S.J. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*, São Paulo: Contexto, 2005, p. 51-57.

WARDHAUGH, R. *An introduction to sociolinguistics*. Cambridge: Blackwell, 2002.

WEINRICH, U. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].



**ESTADO DE ALAGOAS**  
**SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO**  
**SUPERINTENDÊNCIA DE MARKETING E PROPAGANDA**

Ofício 02/2010/ SMP  
de 2010

Maceió, 10 de agosto

À secretaria de Estado do Trabalho, Emprego e Renda

Dr<sup>a</sup> Nadja Baia

Sr<sup>a</sup> secretária,

Diante do teor do trabalho desenvolvido pela mestranda Priscila Rufino da Silva, a respeito da Hipercorreção na fala de adultos desempregados da cidade de Maceió, a Secretaria de Estado da Comunicação, por meio deste, libera o desenvolvimento dele nas instalações do Sine/AL.

Pelo período de dois meses, a mestranda pode desenvolver seu trabalho, gravando entrevistas e conversando com os demais usuários do órgão.

Atenciosamente,

Superintendência de Marketing e Propaganda em, 10 de agosto de 2010.

  
**Carlos Eduardo Epifânio**

Superintendente de Marketing e Propaganda



**PDF Complete**  
Your complimentary use period has ended.  
Thank you for using PDF Complete.

[Click Here to upgrade to Unlimited Pages and Expanded Features](#)

Gravação \_\_\_\_\_

Informante \_\_\_\_\_

Data da entrevista \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Entrevistador \_\_\_\_\_

## **Entrevista**

### **1. Entrevistado**

Nome: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Sexo: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

Possui vínculo empregatício: \_\_\_\_\_

Residência: \_\_\_\_\_

Ocupação: \_\_\_\_\_

### **2. Local**

Local da entrevista: \_\_\_\_\_

Outros presentes: \_\_\_\_\_

1. Você deixou seu emprego atual? Por que você deixou o seu último emprego?
2. O que o levou a enviar o seu currículo para esta empresa?
3. O que você busca em um emprego?
4. Por que uma empresa deveria contratá-lo?
5. Por favor, defina o cargo de [cargo para o qual você está sendo entrevistado].
6. O que você imagina ser a coisa mais difícil em ser um [cargo]?
7. No seu atual (último) emprego que características você mais gosta (gostou)? E quais menos gosta (gostou)?
8. O que você acha de seu chefe?
9. Quais são suas metas em longo prazo?
10. Você consegue trabalhar sob pressão?
11. Qual foi a decisão mais difícil que tomou até hoje?
12. Até hoje, quais foram as experiências profissionais que lhe deram maior satisfação?
13. Conte-me sobre uma situação em que seu trabalho tenha sido criticado.
14. Com que tipo de pessoa você tem dificuldade de trabalhar?
15. Se pudesse começar tudo de novo, o que faria diferente?
16. Por que você ficou tanto tempo sem trabalhar?
17. Você deixaria sua casa para trabalhar em outro estado?
18. Quem você gostaria de levar se você pudesse?
19. Como é o seu relacionamento com seus colegas no trabalho?
20. Você tem desempregados na família?
21. Quais são os problemas que uma pessoa desempregada tem que enfrentar?
22. Você já sofreu preconceito em seu local de trabalho? Qual? O que você fez?
23. O que você não gosta de ouvir as pessoas falando?
24. Você já foi corrigido? Como foi?
25. Você já corrigiu alguém? Como foi e por quê?